

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

Nome do aluno

Giseli Rodrigues Corrêa

Título

**A Ficção e o Real:
a importância da educação no
século XIX**

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

PUC-SP
2008
Lombada

SÃO PAULO

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

Giseli Rodrigues Corrêa

**A Ficção e o Real:
a importância da educação no século XIX**

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

**SÃO PAULO
2009**

GISELI RODRIGUES CORRÊA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária sob a orientação do Prof. Dr. Beatriz Berrini.

São Paulo

2009

Banca Examinadora:

Ao Magnus pelo apoio e carinho.

A meus pais, João Bosco e Lourdes, a
minha irmã Grazielle, pelo amor
incondicional.

A crítica não ensina a fazer obras de arte, ensina a compreendê-las.

(Raul Pompéia).

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por ter sido a minha força durante a realização deste trabalho.

À memória de meu avô Augusto, por ter-me ensinado o prazer da leitura e a importância dos estudos na vida; e para minha avó Lenira, cujas orações iluminaram-me a mente.

A meus pais, pelas orações, palavras de apoio e amor incondicional.

A minha irmã Grazielle e a meu futuro cunhado, pelo fiel companheirismo no longo percurso deste trabalho.

A meu esposo, sempre disposto a me auxiliar durante a pesquisa; e a seus pais, pelo entusiasmo com que acompanharam meu trabalho.

A meus tios, tia, primo e prima, pelo crédito em mim depositado e pela alegria em nossos reencontros.

À minha orientadora, Dr.ª Beatriz Berrini, pelo conhecimento transmitido e disposição para ensinar-me a ser pesquisadora.

A todos os professores da Graduação do curso de Letras da UFSJ e aos professores da Pós-Graduação do Depto. de Literatura e Crítica Literária da PUC/SP, que tanto contribuíram para a minha formação intelectual e desejo de prosseguir pesquisando.

Às professoras Dr.ª Magda Velloso, da UFSJ, e Dr.ª Maria Aparecida Junqueira, da PUC/SP, pelo incentivo constante e pela aceitação de participarem da Banca de Qualificação e Defesa, à professora Dr.ª Edilene Dias Matos, da UFBA pela aceitação de participar da Banca de Defesa.

Ao diretor do Caraça, Pe. Wilson Belloni, e ao Pe. Marcos, por me terem recebido carinhosamente e por me colocarem a par de preciosas histórias desse histórico lugar, quer oralmente, quer presenteando-me com textos. E também à Vera, bibliotecária do Santuário do Caraça, por ter-me concedido uma enriquecedora entrevista, além de fornecer-me documentos e livros necessários à pesquisa.

À prof.ª Maria Laura Pinheiro, pela paciência na revisão de todo o texto e pelas sugestões que buscaram valorizar meu trabalho.

À Secretaria da Educação, pela Bolsa de Estudos concedida; à Direção e aos professores da E.E. Américo Sugai, que, solidariamente, organizaram meu horário de trabalho para permitir-me cursar o Mestrado.

À secretária do Programa de Pós-Graduação, por suas palavras de encorajamento quando mais precisei.

Aos amigos Fabíola, Juliano, Camila, Alexandre, Yonara, Célia, Sônia e Amanda, pelos diálogos encorajadores, e a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e que dividiram comigo momentos de tensão e de alegria.

RESUMO

Trata-se de uma análise do processo educacional na formação da juventude no séc. XIX, tomando por base as obras ficcionais de um escritor brasileiro e de um português, além do conhecimento “in loco” e de textos a respeito do antigo Colégio Caraça, modelo na época, situado em Minas Gerais.

Partindo do nosso objeto de pesquisa, o romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia, por meio das memórias de Sérgio, o protagonista, revelou o funcionamento de um dos melhores colégios cariocas do século XIX: disciplina austera e erros básicos não aparentes aos olhos dos pais, que enviavam seus filhos para estudar no internato.

Assim, desejamos responder à seguinte questão: poderíamos entender que a personagem Sérgio revela Pompéia, uma vez que reproduz as características de seu criador?

A identidade da personagem, pela memória, pode ser vista como uma projeção do autor? A narrativa elaborada a partir da perspectiva de Sérgio, já amadurecido por meio de suas impressões e percepção aguda, analisa fatos e situações, que estruturaram o ambiente social do internato. Os episódios serviram como desvelamentos sucessivos da corrupção e da miséria moral que imperavam no tradicional Colégio Abílio, do Barão de Macaúbas, colégio esse frequentado por Pompéia.

Nesse sentido, foi possível traçar um paralelo entre essa obra e *Os Maias* e *A Relíquia*, de Eça de Queiroz, pois retratam a importância da educação na formação da vida das personagens Carlos Eduardo e Teodorico que, infelizmente, pouco a aproveitaram, pois o primeiro, embora tivesse uma educação exemplar financiada pelo seu avô, rendeu-se aos encantos de Maria Eduarda; que, posteriormente descobrirá ser sua irmã, vivendo o incesto e matando Afonso da Maia de desgosto; já o segundo utilizou-se da educação hipócrita e religiosa recebida para herdar os bens de sua tia, Sr. Patrocínio, tendo sido desmascarado por meio de uma relíquia.

Todos os romances desejaram mostrar a importância da educação na formação das pessoas. Por isso, foi realizada também uma pesquisa em um estabelecimento de ensino real: o Colégio Caraça, que funcionou como internato e seminário durante o século XIX, para tornar possível a demonstração de uma educação modelo; preocupação que era também a de Ramalho Ortigão com seus filhos e seus netos.

Palavras-chaves: Educação, Rigidez, Moralismo e Hipocrisia.

ABSTRACT

It is an analysis of the education process in the formation of the youth in the XIX century, taking for base the works fiction of a Brazilian and Portuguese writers, besides the knowledge “in place” and texts about the ancient College Caraça, model in that epoch, situated in Minas Gerais.

Leaving from our research object, the novel *O Ateneu*, from Raul Pompéia, through the memories of Sérgio, the protagonist, revealed the function of one of the best colleges in Rio de Janeiro of the XIX century: austere discipline and basic mistakes not apparent at fathers eyes who were sending their children to study in the boarding school.

So, we like to answer the next question: might we understand that the character Sérgio reveals Pompéia, as soon as he reproduces the characteristics of his creator?

The identity of the character, trough the memory, can be seen as a projection of the author? The narrative elaborated of Sérgio perspective, already ripened through his impressions and sharp perception, analyses facts and situations that structured the social environment of the boarding school. The episodes served how revealed successive of the corruption and the moral misery that they were ruling in the traditional College Abílio, that it was frequented by Pompéia.

In this sense, it was possible to draw a parallel between this work and *Os Maias* and *A Reliquia* of Eça de Queiroz, since they show the importance of the education in the life's formation of Carlos Eduardo and Teodorico, that, unfortunately, little used it, because the first one, although it had an exemplary education financed by his grandfather, surrendered to the enchantments of his sister Maria Eduarda, that after surviving the incest and killed Afonso of displeasure; already the second used an education hypocritical and religious to inherit the fortune of his aunt, Sr.□ Patrocínio, and was unmasked through a relic.

All the novels wanted to show the importance of the education in the formation of people. Therefore, it was realized a research in a real establishment: the College Caraça, which worked like boarding school and seminar during the XIX century, to make a possible demonstration of model education; concern it was of Ramalho Ortigão with his children and his grandchildren.

Keywords: Education, Rigidity, Morality and Hypocrisy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1- MEMÓRIA E INVENÇÃO.....	17
1.1- A infância da personagem Sérgio, em “ <i>O Ateneu</i> ”.....	18
1.2 -A infância da personagem Teodorico, em “ <i>A Relíquia</i> ”	20
1.3- A infância dos alunos no Colégio Caraça	28
1.4 -A Criação do romance: “ <i>O Ateneu</i> ”.....	32
1.5- Sérgio e as suas lembranças do colégio.....	44
CAPÍTULO 2- O CARAÇA COMO EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL.....	55
2.1- O Colégio Caraça.....	56
2.2- Sobre o Código Disciplinar Caracense.....	64
CAPÍTULO 3- O ATENEU, A RELÍQUIA, OS MAIAS E AS PREOCUPAÇÕES DE RAMALHO ORTIGÃO.....	71
3.1- Ramalho Ortigão: a sua obsessão desde <i>As Farpas</i> até as considerações a respeito da educação de suas filhas e do neto.....	77
3.2- <i>A Relíquia</i> : Teodorico e o Colégio dos Isidoros.....	80
3.3- Carlos da Maia e Eusebiozinho.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
ANEXO.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O pai de Sérgio apresenta-lhe o colégio.....	40
Figura 2: Caricatura do Sr. Aristarco Argolo de Ramos.....	41
Figura 3: O Colégio Ateneu.....	47
Figura 4: Antigo dormitório dos alunos no Caraça.....	58
Figura 5: Caraça em 1805.....	59
Figura 6: Matérias de ensino e condições de admissão.....	67
Figura 7: Colégio Caraça.....	70

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é demonstrar a construção da identidade do jovem Raul Pompéia no mais famoso estabelecimento de ensino no século XIX, o colégio Abílio, no Rio de Janeiro, que servirá de ambiente para a criação de seu romance *O Ateneu*, publicado em 1888.

Submetido a uma rigorosa educação, orientada pelo Dr. Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, considerado uma das maiores autoridades dentro dessa área, foi nesse estabelecimento que Raul Pompéia tomou conhecimento do espírito hipócrita e de submissão, tratado literariamente pelo escritor na sua ficção.

Na mesma época, havia outro importante estabelecimento brasileiro de ensino, o Colégio Caraça, que submetia os alunos às mesmas condições de intimidação, a fim de alcançar um ideal: o modo de ser “homem”.

O Colégio Caraça foi construído num lugar que pudesse simbolizar a ligação entre o céu e a terra, pois o céu representava a pátria paradisíaca dos homens, e a terra, um recanto de exílio. Nesse local, o homem, submisso a uma educação rigorosa, expressaria a sua ligação com Deus: um caminho de volta ao paraíso, porque essa seria a maneira de ele se tornar capaz de se conhecer e decidir qual caminho seguir; ser homem-modelo, que governaria a sociedade; ser bom pai de família com prestígio social, ou homem religioso, seguindo a vida sacerdotal. Para isso, o percurso para o conhecimento deveria ser trilhado por cidadãos que obedecessem aos rigores de uma educação severa. A edificação do colégio, num lugar afastado e solitário de Minas Gerais, foi a melhor maneira encontrada para preparar aqueles que desejarium seguir a honradez e a santidade.

Para compreender o funcionamento e a organização desse estabelecimento, nós nos valeremos das contribuições de Fernando de Azevedo, sobre a história da educação, em sua obra *A cultura Brasileira*. Objetivamos mostrar os mecanismos de funcionamento, de controle da educação e os castigos impostos, que podem ser analisados nessas pedagogias rígidas, a partir do modelo de educação ficcional na obra *O Ateneu* e no modelo real, o Colégio Caraça.

Como exemplo também de rigores expostos ficcionalmente, na formação dos indivíduos, destacamos o romance *A Relíquia*, publicada em 1887, de Eça de Queiroz, por apresentar a formação da personagem Teodorico, moldada em uma sociedade hipócrita e beata, representada por sua tia, D. Maria Patrocínio das Neves, que era o reflexo do que se aprendia nos colégios da época.

Vale a pena analisar essa situação religiosa e de severidade educacional em diferentes estados do Brasil: Rio de Janeiro e Minas Gerais, e também em um país d'além-mar, Portugal, retratada por Eça de Queiroz em *A Relíquia* e *Os Maias*. Essa moralidade educacional na rígida formação da infância de Teodorico foi patrocinada por sua tia, Sr.^a Patrocínio, que o mandou estudar no Colégio dos Isidoros, onde o menino recebeu uma educação falha; da mesma forma como a personagem Carlos, cujo avô Afonso da Maia, desejou dar-lhe uma formação exemplar. Isso de pouco lhe valeu, entretanto, pois o menino se rendeu posteriormente aos encantos de sua irmã, Maria Eduarda, cometendo o incesto, causa da morte do Sr. Maia.

Não só as obras ficcionais *O Ateneu*, *A Relíquia* e *Os Maias* constituem o “corpus” deste estudo, mas também o Colégio Caraça faz parte desta pesquisa comparatista, que visa refletir sobre a educação rigorosa em países diferentes na mesma época. Afinal, todos almejavam formar homens condutores de outros homens na vida social dentro de determinados parâmetros religiosos e intelectuais.

Dessa forma, este trabalho se constitui numa tentativa de entender os mecanismos pedagógicos, disciplinares e religiosos que faziam parte da vida dos alunos. Eram discentes que, em diferentes Estados brasileiros e em Portugal do século XIX, viviam em um contexto social marcado pela falta de incentivo a iniciativas individuais em termos de escolaridade.

A questão da identidade, segundo Stuart Hall (2004, p.7), “está sendo extensamente discutida na teoria social [...]”, pois ela é a responsável pela formação do sujeito que pertence a culturas étnicas, raciais, lingüísticas e religiosas da sociedade da qual faz parte. Nesse contexto semelhante, é possível tentar comparar as obras que revelam a construção da identidade dos alunos como pessoas e futuros intelectuais dentro dos colégios. Portanto, buscamos traçar uma relação entre as obras ficcionais, levando em conta a educação religiosa responsável pela formação, na época, da infância da personagem Teodorico, protagonista da obra *A Relíquia*, aparentada à representação de um modelo ideal de educação e excelência no ensino, como a formação infantil e adolescente da personagem Sérgio, na obra *O Ateneu*.

Propomo-nos a responder, assim, à seguinte pergunta: como se dá o processo de construção de identidade na época da formação das personagens, a infância, relatada pela via da memória pelos autores-personagens nas obras ficcionais citadas, e sua relação com um exemplo de vida colegial no real Colégio Caraça?

Duas hipóteses orientam essa questão: a) a construção da identidade das personagens pelo memorialismo evidenciaria nas obras, ao apresentarem uma projeção da vida de Raul Pompéia? b) os episódios que aconteciam nos estabelecimentos servem como desvelamentos

sucedidos da corrupção e da miséria moral ali imperantes na época. Procuraremos analisar criticamente as obras citadas, a fim de traçar paralelos que possam ajudar a encontrar respostas para o problema levantado.

Diante desse desafio, enveredaremos por questões referentes à organização e ao funcionamento dos colégios, concebidos como modelos de adestramento da infância para formar os futuros cidadãos políticos, juristas ou religiosos; para tanto, eram os alunos que se adequavam à maneira de ser de um futuro “homem autêntico”.

A obra *A Relíquia* faz uma crítica social contra a beatice e a hipocrisia vividas pela personagem Teodorico, um jovem de tendências liberais e libertinas, obrigado a obedecer à tia, D. Maria Patrocínio das Neves, que, em matéria de educação, considerava-se um ser de disciplina austera, moldada nos parâmetros religiosos do ideal moral, semelhante àquele que ocorria nos internatos. Essa obra é uma perfeita crítica moral a uma sociedade falsa e inconscientemente beata; apresentando o que havia em comum com as questões de um falso moralismo na sociedade colegial, como se dá na obra *O Ateneu*.

Ao tratar da infância de Teodorico, moldada nos parâmetros de manipulação religiosa, da qual sua tia fazia uso para a formação da personagem, percebemos que Eça de Queiroz parece construir a consciência que devia guiar o homem para que ele não se perdesse no vício e na mentira. Mas exatamente o contrário aconteceu na vida de Teodorico, pois a personagem, apesar de ter sido criada em bases religiosas, desvirtuou-se num “mundo de prazer”, contrariando toda a moral e a fé ensinadas por sua tia, germinando a imoralidade em seu comportamento.

Teodorico, o menino que cresceu sem o amor de sua mãe e de seu pai, foi criado pela devota tia D. Maria Patrocínio, em quem ele desejava reencontrar o amor substituto de sua mãe. Todavia, descobriu, na figura da tia, que o mundo não era tão bom quanto ele esperava.

Similarmente, na obra *O Ateneu*, a história de Sérgio é narrada a partir das memórias do autor-personagem, que ele inicia contando o seu primeiro contato com o colégio, onde depositava toda a esperança de sua formação, mas, ao mesmo tempo, sentia-se desamparado pela sua família, que acreditava na sua formação moral e intelectual. É nesse estabelecimento que Sérgio conhece uma sociedade imoral, ao contrário de tudo o que havia ouvido falar da instituição, que era vista como a melhor da época, o local onde estudavam os filhos das famílias abastadas, como as dos políticos.

Aparentemente, portanto, as duas obras, *O Ateneu* e *A Relíquia*, tratam da questão educacional imposta por um modelo de moralismo social e religioso, contra o qual as personagens reagem, mas de maneira diferente.

Em *A Relíquia*, a arte de Eça assume forma túrgida, de coloração violenta, em que remanescentes evangélicos se misturam com pontapés desferidos nas partes delicadas de Raposo. O pelintra que espiona o “strip-tease”, como se diz hoje, de uma deusa estrangeira, atrás do buraco da fechadura, representa o mesmo herói que sonha com figuras bíblicas, percorrendo os caminhos de basalto que levaram aos vales de Canaã. (CAL, 1981, p.19).

O mais interessante é analisar a presença ou a ausência da moral, da culpa e dos seus efeitos sobre a consciência da personagem. Por essa razão, a obra *O Ateneu* pode ser comparada com a de Eça, pois trata da formação educacional do protagonista imposta pelo falso moralismo social. O romance, portanto, denuncia esse falso moralismo presente no colégio.

Voltando nossa atenção para uma escola que efetivamente existiu, o Caraça, percebemos que aí se procurou “adestrar” os alunos, tendo em vista operar as transformações de comportamento. É o que mostra Michael Foucault, (1987, p.145): “O próprio edifício da Escola devia ser um aparelho de vigiar; os quartos eram repartidos ao longo de um corredor como uma série de pequenas celas; a intervalos regulares [...]”. A instituição escolar era uma espécie de máquina de controle, que funcionava como um microscópio a fim de observar o comportamento de seus alunos.

Nesse sentido, procuraremos analisar, no primeiro capítulo, a construção da identidade no período da infância da personagem Teodorico, na obra *A Relíquia*, e de Sérgio, na obra *O Ateneu*, e também dos alunos do Colégio Caraça, todos submetidos aos parâmetros sociais e religiosos dominantes à época.

No segundo capítulo, analisaremos, com exemplos literários, como funcionava a vida nos estabelecimentos de ensino no século XIX, sobretudo o ingresso e o dia-a-dia nos internatos. Cabe notar que nos colégios citados o acesso à educação era privilégio de uma classe, a elite.

No terceiro capítulo, pretendemos traçar a relação entre as obras literárias ficcionais *O Ateneu* e *A Relíquia*, com o objetivo de comparar não só o processo de submissão educacional, social e religiosa vivida pelas personagens Sérgio e Teodorico, assim como a educação de Carlos, no romance *Os Maias*, segundo o modelo educacional inglês; tal modelo é comparado com o de seu amigo Eusebiozinho, educado segundo os princípios da formação portuguesa.

Demonstraremos a importância da educação em *O Ateneu*, que como os demais romances ficcionais, *A Relíquia* e *Os Maias*, contribuíram para exemplificar como se deram as transformações das personagens Teodorico e Carlos, resultantes de uma orientação rígida e moralista; semelhante ao austero funcionamento do Colégio Caraça.

Analisaremos, também, algumas cartas de Ramalho Ortigão aos seus familiares; quer “sejam as primeiras, sejam as últimas cartas, mostram-nos elas sempre Ramalho Ortigão, como marido e pai, depois avô, com funções importantes dentro do reduto familiar [...]” (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p.10).

Por último, na conclusão, pretendemos mostrar que o estudo comparado desses romances ficcionais com o de um estabelecimento real, o Colégio Caraça, evidencia a formação das personagens e revela a importância da educação no século XIX.

Esperamos que este estudo contribua para as pesquisas voltadas para a análise do funcionamento dos estabelecimentos de ensino do século XIX.

Capítulo 1- Memória e Invenção

O objetivo da nossa pesquisa, como já foi dito, é o estudo dos protagonistas-personagens, cuja caracterização e identidade encontram-se na obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia, *A Relíquia* e *Os Maias*, de Eça de Queiroz. Analisaremos as personagens sob a perspectiva de suas memórias e identidades, com o propósito de indagar e qualificar a formação educacional, intelectual e individual, além do rigoroso regime de autoridade imposto, por exemplo, pelo então diretor do Colégio Ateneu, Aristarco, na época em que a educação era privilégio de poucos; como também o regime adotado no Colégio Caraça, freqüentado pela elite.

No romance *O Ateneu*, a partir das estratégias que o autor utilizou para reinventar a realidade, analisaremos sua visão de mundo e os conflitos do protagonista Sérgio. A memória e identidade da personagem são possíveis de ser recuperadas a partir do texto do romance, que se baseia na própria experiência do autor.

O livro, pode-se dizer, é a memória adulta de uma experiência infantil vista por dentro. Os limites da visão, portanto, são ditados pela criança; só pode ser narrado ou comentado o que esta experimentou. O Ateneu atende essa exigência com bastante rigor. Em coerência com a perspectiva tomada, a única interioridade que apresenta é a do próprio autor. As outras personagens são todas vistas de fora, interpretadas à luz dos traços principalmente visuais, confrontados com um pessimismo biologista, feroz e irônico. Esse modo descritivo torna-se radical na evocação de Aristarco, apresentado como pura exterioridade, cartaz vermelho, superfície de gala mascarando os instintos baixos que fazem a sua essência. (SCHWARZ, 1981, p.29).

Semelhante é o que ocorre na obra *A Relíquia*. O protagonista inicia seu relato com as suas memórias, apresentando as suas angústias diante da vida, para contar depois a sua viagem ao Oriente, financiada por sua tia D. Patrocínio das Neves, que o envia a Jerusalém em busca de santas relíquias.

É o que se pode verificar também na história do Colégio Caraça, em que estão presentes os ensinamentos na religião e no bom modo de ser homem. Com as memórias dos alunos, foi possível traçar o perfil de um estabelecimento de ensino modelo, que tinha como

prioridade a transmissão de saberes e do saber-fazer, onde os indivíduos encontrariam a confirmação da cultura da qual estão inseridos.

Dessa maneira, pensar a questão das personagens nas obras ficcionais citadas e nos alunos de um colégio real, leva-nos, necessariamente, a percorrer alguns caminhos trilhados pela reflexão teórica e prática analisadas e examinadas desde os gregos, como a seguir será explicado.

Desses, Aristóteles é a primeira referência. Ao discutir as manifestações da poesia lírica, épica e dramática, o filósofo levantou alguns aspectos importantes a respeito do conceito de personagem ficcional. Assim, o professor Segolin (1978, p.15) afirma que, “segundo Aristóteles em sua *Arte Poética*, há uma estreita semelhança entre a personagem e a pessoa humana [...]”. Tanto o conceito de personagem quanto o exame de sua função no discurso estão diretamente vinculados não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à sua reflexão a respeito dos modos de existência e do destino humano. Esse fazer artístico está centrado na discutida mímese aristotélica.

Durante muito tempo, o termo mímese foi traduzido como sendo “imitação do real”, tal qual uma referência direta à elaboração de uma semelhança ou imagem da natureza. Na verdade, o que procuraremos demonstrar, por meio do conceito de mímese, é a criação da personagem como reflexo da pessoa humana. Tratarei ainda da construção de sua identidade, sobretudo pela vivência e pelo memorialismo.

Vê-se assim que o termo mímese adquire um significado especial na obra literária. Não devemos deixar de considerar que a obra, por mais fiel que seja à realidade, é também fruto de um trabalho incansável do escritor, graças à sua imaginação criadora; ela representa as possíveis relações de semelhança e dessemelhança com o mundo. Assim, os seres ficcionais não são representações do homem, mas produtos de determinada estrutura romanesca, fruto da criação do autor.

1.1- A infância da personagem Sérgio, em *O Ateneu*

Quando pensamos no caráter ficcional de uma personagem, saímos do reino das semelhanças e penetramos no das diferenças. Segolin disse em seu livro *Personagem e anti-personagem* (1978, p.16) que “a personagem não é completamente moldada por nossa concepção usual de ser. Ela pode apresentar variações nessa concepção, deformando-a, problematizando-a. A personagem aparece associada às nossas idéias convencionais de ser,

por vezes imprevistas e surpreendentes”. A personagem é o resultado de um processo, no qual se imagina um ser que transita nas fronteiras do não ser.

Em face disto, a personagem aristotélica adquire, inevitavelmente, uma fisionomia bifronte: do mesmo modo que nos ressaltam as íntimas relações de semelhança que existem entre a personagem e a pessoa humana, Aristóteles fala-nos também de uma personagem possivelmente humana, isto é, dotada de uma humanidade ideal que se lhe incorpora como um atributo e não como essência, personagem esta fruto da utilização operativa de determinados meios e modos. (SEGOLIN, 1978, p.18).

A personagem identifica-se com o homem não apenas em virtude de seu aspecto mimético, mas também enquanto proposição de uma moralidade humana, que supõe e exige a imitação. Em virtude disso, a personagem conserva sua representação, visto que, na medida em que os seres ficcionais mantêm suas marcas humanas, é que se podem constituir em fonte de conhecimento e aprimoramento moral.

A partir da segunda metade do século XVIII, a concepção de personagem herdada de Aristóteles entra em declínio e, praticamente, no século XIX, sobretudo com o desenvolvimento dos estudos de Psicologia e de Psicanálise, a idéia de que o homem possui uma mente extremamente complexa passa a influenciar a construção das personagens ficcionais, assumindo a representação do universo psicológico de seu criador.

É nesse momento, também, que o romance se transforma: seu enredo mostra a análise das paixões e aponta para os sentimentos humanos, para a sátira social e para a política. Com o advento do Romantismo, chega a vez do romance de análise psicológica, de análise do contexto histórico no século XIX.

Do século XVIII ao começo do século XX, podemos observar no romance a maneira pela qual a personagem é caracterizada a partir da ótica da reprodução mimética do homem; o romance ainda substitui os enredos complicados repletos de aventura, povoados por personagens por vezes muito esquemáticas, recheados de ações mirabolantes, com enredos em que a ação torna-se menos física e mais psicológica, nas quais a personagem apresenta um maior grau de complexidade.

Na obra *O Ateneu*, o autor criou um enredo, fruto de variadas influências sofridas a partir da rigorosa educação recebida de seu pai, Dr. Antônio d’Avila Pompéia, de temperamento misantropo e de conduta carrancuda; os seus anos no colégio Abílio, sob um

regime autoritário educacional; são também referidos os princípios de sua formação intelectual.

O Ateneu é uma obra quase biográfica, pois estão presentes as recordações que nasceram da própria infância do autor: Raul Pompéia estudou no colégio Abílio em 1873, onde foi internado com dez anos de idade.

Tanto o colégio Abílio quanto *O Ateneu* são objetos de recordação do autor Raul Pompéia e da personagem Sérgio, respectivamente. Ambos moldaram o caráter e a formação educacional e intelectual, sob um rigoroso regime instituído pelos diretores; tudo em um perfeito imbricamento. Assim, a personagem Sérgio narra a sua vida no Ateneu, que gira em torno das suas experiências enquanto adolescente, sujeito ao regime de internato no colégio, localizado na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, semelhante às experiências vividas por Pompéia também na sua adolescência no colégio Abílio, no Rio de Janeiro.

Raul Pompéia é um criador de imagens surpreendentes, dotado de inteligência e sensibilidade; fornece ao leitor uma visualização dos locais, personagens e cenas durante a leitura do romance.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos em tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; *O Ateneu* desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de reclamações o bombo vistoso de anúncios. (AT, 2005, p. 24).

Transição interessante é a comparação com o protagonista Teodorico, de *A Relíquia*, cuja história constitui-se por meio da memória, marcada pela autoridade moral e religiosa imposta por sua tia, Sr.^a Patrocínio. É sobre ele que agora vamos falar.

1.2- A infância da personagem Teodorico, em *A Relíquia*

No romance *A Relíquia*, de Eça de Queiroz, a personagem Teodorico vive num meio social de hipocrisia e ironia, pois “desde que criança saiba de cor o catecismo, supõe que ela tem religião. Da religião sabe a “reza”, não sabe o dever: ou pelo menos o que ela supõe o

dever é ouvir missa aos domingos, e não comer carne à sexta-feira [...]” (QUEIROZ, 1997, p. 85). Tanto a personagem Sérgio como a personagem Teodorico são uma réplica da educação que receberam de suas famílias.

Publicada em 1887, essa obra queiroziana é uma crítica contra os costumes da Igreja Católica, e se mostra adversa às imposições da senhora Patrocínio das Neves, a titi. Abastada de bens, ela se vê com a responsabilidade de educar o seu sobrinho órfão, Teodorico, mas impõe os seus parâmetros religiosos.

A obra ficcional inicia-se com as memórias da personagem Teodorico: “decidi compor, nos vagares deste verão, na minha quinta do Mosteiro (antigo solar dos condes de Lindoso), as memórias da minha vida [...]” (QUEIROZ, 1997, p.11). É dentro deste contexto religioso que será composto todo o romance; a religião parece estar presente em toda a formação do protagonista, recebida desde a infância.

Nos textos ficcionais de EQ temos sem dúvida práticas religiosas: missas, procissões, veneração de relíquias, recitação do rosário, etc. Ou seja: práticas coletivas ou individuais sancionadas pela instituição à qual todos os devotos aparentemente se submetem, com raras exceções: a Igreja católica. Há toda uma ética subsequente a tais práticas, que deveria ordenar o comportamento das personagens. Todos acreditavam estar comunicando-se com Deus e os santos, seres acima da natureza ou tornados tais pelas virtudes que praticaram e que lhes valeram o Céu. (BERRINI, 1982, p.213).

Narrado em primeira pessoa, a obra revela a personagem como um sujeito interesseiro, apreciador de bons pratos, bebidas e praticante de uma religião idólatra, cujo objetivo primordial era o dinheiro. É por isso que, desde criança, ouviu que era necessário gostar de sua tia: “O Teodorico não tem ninguém senão a titi... É necessário dizer sempre que sim à titi [...]” (QUEIROZ, 1997, p.19); ela era a possuidora dos dotes que ele desejava herdar e a responsável pela formação religiosa do menino. “É devoto por interesse e, sendo necessário, multiplica os beijos no pé do Senhor dos Passos [...]” (BERRINI, 1982, p.208). Todas as vezes que o menino passasse pelo oratório da casa, era preciso que se ajoelhasse e fizesse o sinal da santa cruz.

Por volta dos nove anos, sua tia manda-o para o Colégio dos Isidoros, na cidade de Santa Isabel, em regime de internato. Lá, Teodorico viverá sob as rígidas regras de ensinamento, semelhantes às da personagem Sérgio quando foi estudar no Ateneu. Por isso, a

partir dessas obras ficcionais, foi possível traçar um paralelo com os meninos que iam estudar no real Colégio Caraça, cujo regime de disciplina parecia com a dos romances, o que será analisado no seguinte capítulo.

O dia-a-dia de Teodorico no internato baseava-se em estudos e disciplina, “à quinta-feira era o desagrável dia de lavarmos os pés. E três vezes por semana o sebento padre Soares, vinha, de palito na boca, interrogar-nos em doutrina e contar-nos a vida do Senhor [...]” (QUEIROZ, 1997, p.20). O colégio tinha uma disciplina rigorosa, pois era o responsável na formação dos alunos para a vida, segundo os dogmas religiosos; além do mais, as famílias que enviavam os seus filhos confiavam na educação que as crianças recebiam. Por isso, a Sr. □ Patrocínio mandou o seu sobrinho, confiante na formação do menino, segundo os princípios da religião.

Cada mês a Vicência, de capote e lenço, me vinha buscar depois da missa, para ir passar um domingo com a titi. Isidoro Júnior, antes de eu sair, examinava-me sempre os ouvidos e as unhas; muitas vezes, mesmo na bacia dele, dava-me uma ensaboada furiosa, chamando-me baixo *sebento*. Depois trazia-me até à porta, fazia-me uma carícia, tratava-me de seu *querido amiguinho*, e mandava pela Vicência os seus respeitos à Sr. □ Patrocínio das Neves. (QUEIROZ, 1997, p.21).

Logo que Teodorico chegava à casa de titi, ela lhe estendia a mão a beijá-lo, enquanto também examinava o seu caderno, perguntava-lhe sobre a doutrina. “Dizendo o *Credo*, desfiando os *Mandamentos*, com os olhos baixos, eu sentia o seu cheiro acre e adocicado a rapé e a formiga [...]” (QUEIROZ, 1997, p.21).

O Colégio dos Isidoros era um exemplo de estabelecimento de educação, como o Ateneu, mas tanto Teodorico quanto Sérgio viveram momentos difíceis nessas casas de ensino, e ambos decidiram compor seus romances a partir da memória construída nos colégios e demais lugares por onde passaram.

“Um dia, um rapaz já de buço chamou-me no recreio de *lambisgóia*. Desafiei-o para as latrinas, ensangüentei-lhe lá a face toda, com um murro bestial. Fui temido. Fumei cigarros [...]” (QUEIROZ, 1997, 22). Com o passar dos anos, o menino passou a ser temido no colégio, e cada vez que Vicência, a empregada de titi, vinha buscá-lo para passar um domingo com ela, o menino penetrava nas intimidades e na história da família. Foi nesse momento que a vida de Teodorico tomou outro rumo, e ele passou a querer “uma religião ao serviço dos

seus interesses, a exemplo do que, no texto, fazem os padres e seus apaniguados [...]” (BERRINI, 1982, p.215). Desejava impressionar sua tia, como retribuição ao que aprendera com ela, demonstrando a sua fé perante a educação religiosa, moral e intelectual, que aprendera e no final, hipocritamente, aparentava acreditar.

Nessa época, a formação educacional da criança era responsabilidade das mães, que tinham como dever ensinar a seus filhos a religião e como se comportar com decência diante do altar na igreja, porque o respeito às crenças não era um fato de disciplina, mas de sentimento e tradição doméstica. “A religião inspira-se às consciências pelo amor que só as mulheres sabem ter; não se encasqueta à força nas cabeças aos golpes de junco, que nos dão os mestres de meninos e os instrutores de recrutas [...]” (ORTIGÃO, 1919, p.220).

Todavia, a titi era a representação de uma educação religiosa e de tudo que se aprendia nos colégios da época. Atribuía-lhe a responsabilidade de passar os dotes domésticos, como a educação.

Nada mais edificante, sobre a falsa educação religiosa que nós cuidamos de dar a nossos filhos do que ouvirmos as suas respostas quando lhes perguntamos o que entendem por esta palavra que os obrigamos a repetir duas ou três vezes por dia- *luxúria*-, ou a sua interpretação para esta frase que igualmente nos esforçamos por lhes fazer decorar: *Não invejar a mulher do teu próximo!* Uma pequenina nossa amiga entende que a luxúria é o pecado do demasiado *luxo*, e que guardar *castidade* consiste em não murmurar contra os castigos. (ORTIGÃO, 1919, p.108).

Assim, as crianças eram educadas em casa até completarem os seis anos de idade. Em seguida, caberia aos colégios a função de moldar os pensamentos infantis. “O colégio é uma casa triste, sombria, impregnada daquele cheiro abafante que deixa no ar a aglomeração das crianças [...]” (ORTIGÃO, 1919, p.109).

Interessante, e devem ser comparados os colégios da época do século XIX com a titi, pois ela impunha uma educação severa e religiosa a seu sobrinho, sem questionamentos; caberia a ele apenas decorar o que era ensinado no estabelecimento de ensino, o Colégio dos Isidoros, onde os alunos deveriam ser aprovados em todas as disciplinas por meio dos exames de perguntas e respostas.

O que era ensinado nos colégios visava a aprovação do aluno, no seu exame de civilidade, pois assim se formariam homens que iriam entrar no mundo com destaque social.

Não se tratava de indivíduos pensantes, capazes de formular as suas inquietudes diante da vida. “Assim quinze dias bastariam para que o aluno decorasse os textos sobre que tinha que tirar o ponto, o êxito do exame não poderia ser depois disso duvidoso [...]” (ORTIGÃO, 1919, p.111). Como consequência, os exames formavam indivíduos que não eram capazes de pensar, logo não tinham como resolver os problemas imediatos que surgiam de repente; pessoas bitoladas e hipócritas, apenas obedientes.

Semelhante a tal formação falsa, pudemos observar na personagem Teodorico sua vida dupla, pois tinha outra vida que escondia de sua tia, pois ele gostava dos prazeres mundanos, do luxo e do poder que contrariava as idéias exageradas da Sr.□ Patrocínio, em relação à impureza e aos pecados contra a castidade. Ele vivia numa sociedade de repulsa à podridão, demonstrando à titi e a todos uma falsa moral, caracterizada pela degradação. “Teodorico exemplifica e ilustra a versão laica e burguesa do homem religioso português [...]” (BERRINI, 1982, p.207); sedento de ambição pelos bens de sua tia; o que lhe importava eram os futuros dotes e não propriamente os ensinamentos religiosos.

Dominado pela sede de riqueza, a religião nele despertará o desejo dos prazeres mundanos vedados pelas leis eclesiásticas ensinadas por sua tia. “Como nenhum de tais objetivos coincide com aqueles oficialmente impostos pela doutrina cristã, o vício mais comum é a hipocrisia [...]” (BERRINI, 1982, p.205). Para a Sr.□ Patrocínio, tudo o que não tivesse relação com a Igreja era pecado; ela não podia nem ouvir falar na possibilidade da relação entre o homem e a mulher, pois tudo dela merecia uma condenação. É nesse ambiente que Teodorico viverá a sua vida dúplice, contrariando o que aprendia com a tia.

“Se os três inimigos do homem são o Mundo, o Diabo, e a Carne- tais inimigos fazem-se íntimos dos sacerdotes e devotos leigos dos textos ficcionais de Eça de Queiroz [...]” (BERRINI, 1982, p.209). Parece evidente a relação entre as questões religiosas e a sociedade na qual o homem estava inserido e a sua constante presença para a formação educacional das crianças da época. A religião era o veículo para a formação de um grupo social, que deveria ser capaz de formar cidadãos responsáveis moral e politicamente para administrar o país, pois religião e sociedade estavam ligadas mutuamente para o bem de uma nação.

O clero exercia o poder tirânico religioso sobre as pessoas mais fracas, que acreditavam fielmente na salvação por meio de um processo de submissão e obediência; as mulheres beatas seguiam à risca os ditames religiosos, pois eram as responsáveis pela formação de seus filhos: futuros devotos que tinham como objetivo o interesse particular que, na maioria das vezes, desejavam o dinheiro como réplica de uma educação contrária a tudo o que aprendiam.

Os bens eram o alvo de discussão e o objetivo de todos os que freqüentavam a casa da Sr. Patrocínio, muito abastada: o clero e seu sobrinho, que ambicionavam sua riqueza como meio de possuírem o poder:

É o dinheiro afinal que irá dar poder aos padres e à Igreja, de um modo geral. Se ela ou eles não mais o têm, ou têm menos do que a burguesia e a nobreza, coloca-se o clero ao serviço de ambas as classes e do governo a fim de se beneficiar com suas prodigalidades e proteção. Posicionando-se ao lado dos ricos, como poderia voltar-se para os pobres? Melhor é convencê-los da felicidade futura a que a bem-aventurança evangélica significa que se devem contentar com a pobreza, não invejando a riqueza dos outros, sob pena de não serem benditos. (BERRINI, 1982, p.207).

Parece-nos que é nesse embate de “hipocrisia e moralidade” que as obras *O Ateneu* e *Relíquia* podem ser comparadas, pois ambas tratam da formação das personagens diante de um jogo de interesses, responsável pelo poder social e religioso. Sérgio vivia submisso ao código moralista dessa sociedade, e do seu ideal de educação, mas na realidade agia ao contrário de tudo que era ensinado. Teodorico, por seu lado, aparentemente era também submisso à orientação religiosa traçada por sua tia, embora só desejasse viver num mundo de prazeres apegado ao dinheiro.

Eça de Queiroz é um crítico de costumes. Além disso, recrutados quase todos entre ambiciosos ou indiferentes, quase todos muitíssimo ignorantes, domina-os a sede de riquezas, a avidez dos manjares, o desejo de prazeres carnis vedados pelas leis eclesiásticas. Como nenhum de tais objectivos coincide com aqueles oficialmente impostos pela doutrina cristã, o vício mais comum e vituperado é a hipocrisia. (BERRINI, 1982, p.205).

Nesse sentido, as obras citadas revelam a questão do poder, pois seja o diretor Aristarco, do Colégio Ateneu, seja Teodorico e sua tia faziam de tudo para ter o poder nas próprias mãos, submetendo ele ao falso moralismo que lhe era imposto. Seja Sérgio seja Teodorico, na realidade viviam o contrário do que lhes era ensinado.

Convém lembrar que a educação ministrada a Carlos da Maia, segundo o método do Sr. Brown destacava-se da educação recebida por Eusebiozinho apresentado em *Os Maias*. Portanto, assemelhavam-se na educação ministrada nos colégios do século XIX. Assim, no

Brasil, no interior de Minas a educação dada aos alunos era aquela semelhante aos ensinamentos recebidos ficcionalmente por Sérgio e Teodorico.

Afonso da Maia, cujo sonho era educar o neto, Carlos, segundo os princípios ingleses, entregou-o às orientações do Sr. Brown, um pedagogo inglês, que educará o menino sob um rigor educacional que valorizava a criatividade e o juízo crítico. Não importava com “decorar” alguns preceitos, mas sim a valorização do conhecimento da língua e da cultura inglesas, apreciada pela família Maia.

...tinha sido educado com uma vara de ferro! Não tinha a criança cinco anos já dormia num quarto só, sem lamparina; e todas as manhãs, zás, para dentro numa tina de água fria, às vezes a gear lá fora... E outras barbaridades. Se não soubesse a grande paixão do avô pela criança havia de se dizer que a queria morta... Deixava-o correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, apanhar soalheiras, como um filho de caseiro. E depois o rigor com as comidas! Só a certas horas e de certas coisas.... E às vezes a criancinha, com os olhos abertos, a aguar! Muita, muita dureza. (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.42).

Todavia, Eusebiozinho, o amigo de infância de Carlos, também foi educado com severidade, segundo a tradicional educação portuguesa, que dava importância a uma educação marcada por uma aprendizagem de perguntas e respostas. Semelhante na verdade à aprendizagem ministrada no Colégio Caraça. Além da aprendizagem rigorosa, era fundamental o estudo de línguas como o Latim. Na *Relíquia* a formação de Teodorico era orientada pelo Padre Custódio.

Tinha três ou quatro meses mais que Carlos, mas estava enfezado, estiolado, por uma educação à portuguesa; daquela idade ainda dormia no choco com as criadas, nunca o lavavam para o não constiparem, andava couraçado de rolos de flanelas! Passava os dias nas saias da titi a decorar versos, páginas inteiras do *Catecismo de perseverança*... E assim lhe estavam arranando uma almazinha de bacharel. (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in obra completa, 1^o vol, 2000, p.57).

Carlos e Eusebiozinho foram educados segundo os princípios da ética e da moral, para futuramente exercerem suas profissões com ambição e prestígio social. Deveriam no futuro serem cidadãos úteis aos seus países; cidadãos que contribuiriam para o desenvolvimento da nação.

Embora os meninos tivessem sido educados para serem homens de conduta, submissos aos verdadeiros valores, Carlos demonstrava não gostar muito de Eusebiozinho; assim o atestava seu mau comportamento diante do amigo. No fundo, a educação dada a um e outro diferia fundamentalmente.

Foi já há meses. Havia uma procissão e o Eusebiozinho ia de anjo.... As Silveiras, excelentes mulheres, coitadas, mandaram-no cá para o mostrar à viscondessa, já vestido de anjo. Pois senhores, distraímos-nos, e o Carlos, que o andava a rondar, apodera-se dele, leva-o para o sótão, e, meu caro Vilaça.... Em primeiro lugar ia-o matando porque embirra com anjos.... Mas o pior não foi isso. Imagine você o nosso terror, quando nos aparece o Eusebiozinho aos berros pela titi, todo desfrisado, sem uma asa, com a outra a bater-lhe os calcanhares dependurada de um barbante, a coroa de rosas enterrada até o pescoço, e os galões de ouro, os tules, as lantejoulas, toda a vestimenta celeste em frangalhos!...Enfim, um anjo depenado e sovado... Eu ia dando cabo do Carlos. (Op. cit., 2000, p.56).

Além dessas diferenças e semelhanças na formação dos meninos, o Sr. Afonso e o Sr. Brown preocupavam-se em ministrar os estudos de Carlos, principalmente queriam valorizar uma educação de acordo com os critérios ingleses. Por sua vez, o Sr. Vilaça, procurador da família Maia, as Senhoras e o Sr. Custódio, apoiavam uma educação à portuguesa, na formação de Eusebiozinho. Eram ensinamentos retrógrados, porque se baseava nos princípios religiosos tradicionais no século XIX; na realidade, a mãe de Eusebiozinho e sua tia representavam essa educação da sociedade portuguesa, visto que não eram orientados para o preceito religioso; preocupavam-se com os estudos do menino visando apenas sua ascensão social.

Os colégios da época eram estabelecimentos de formação literária, civil e religiosa, pois, para que a nação fosse governada por políticos de bem, a educação primorosa era o caminho que deveriam seguir os futuros homens. Todavia, como se viu, há uma crítica severa contra a educação tradicional e as normas postuladas pelos líderes da nação.

1.3- A infância dos alunos no Colégio Caraça

De acordo com Fernando Azevedo (1971), o ensino ministrado nos estabelecimentos brasileiros do século XIX baseava-se no adestramento da infância, instrumento usado para obter a diferenciação e homogeneização social de uma classe privilegiada, a elite, que governaria o país. O sistema de educação desse século estava restrito às classes dominantes, e o povo, em momento algum, fazia parte deste processo.

Desde os primórdios da educação brasileira, após o descobrimento e a posse da terra com a chegada dos jesuítas à Bahia em 1549, iniciou-se um processo educacional moldado num sistema de hierarquia, em que os que tinham conhecimento, dominavam os que pouco sabiam, daí resultando o processo de formação da nossa cultura e civilização.

Os jesuítas eram ligados entre si e à Igreja Católica por uma rigorosa disciplina e autoridade moral; além do mais, tinham uma cultura literária de alto nível, que era utilizada como instrumento de dominação. Somente eram subordinados às exigências da Igreja e aos interesses da religião.

Logo que desembarcaram, os jesuítas fundaram as suas residências ou conventos, que eram os “colégios”, local onde realizavam a catequese dos povos, especificamente a dos índios. Entretanto, não visavam apenas à obra de catequese, mas à formação política, cultural e intelectual de uma nova pátria.

Assim, os colégios inauguraram no Brasil, e antes na Europa, a educação literária popular, de fundo religioso para a propagação da fé. Mas esse ímpeto de conquista dos índios pelos jesuítas era o desejo de substituir por outra a cultura indígena que se desmantelava ao contacto com recém chegado.

A vocação dos jesuítas era outra certamente, não a educação popular primária ou profissional, mas a educação das classes dirigentes, aristocráticas, com base no ensino de humanidades clássicas. (AZEVEDO, 1971, p.541).

Esse elitismo na educação, nas artes e na cultura foi algo que sempre marcou a nossa história. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, houve um duro golpe na educação, pois eles possuíam vinte e quatro colégios no Brasil, onde ensinavam não só as letras, mas a retórica e o latim, para as classes superiores. Com a sua expulsão, o país sofreu a ruptura de todo um

sistema educacional, visto que o ensino se concentrava quase todo nas mãos dos padres da Companhia de Jesus, cujo sistema de organização escolar era o único.

Nenhuma organização institucional conseguiu substituir a poderosa homogeneidade do sistema jesuítico, pois o tipo de ensino e de educação adotado por eles parecia satisfazer integralmente as exigências da sociedade da época.

Mantendo-se quase exclusivamente eclesiástico, todo esse ensino tradicional que transferia das mãos dos jesuítas para a dos padres seculares, e dos frades, franciscanos e carmelitas, - seus naturais continuadores, como a porção mais letrada da sociedade colonial- não colhia nas suas malhas senão os estudantes que vinham, na maior parte, da elite da sociedade rural e burguesa, e poucos outros, recrutados na massa de mestiços que gravitavam para as vilas e cidades. (AZEVEDO, 1971, p.562).

A partir daí, os padres e as outras irmandades que assumiram as atividades educacionais, não conseguiram alcançar uma formação pedagógica adequada, e o que as classes dominantes fizeram foi enviar os seus filhos a Coimbra para adquirir a formação intelectual e educacional desejada. Seria moldada pelo desejo de criar um novo processo de formação da burguesia urbana.

Com a chegada da família real em 1808, D. João VI reestrutura a educação com a fundação da Biblioteca Nacional, do Jardim Botânico, e da Imprensa Régia, contribuindo para a mudança no ambiente educacional. Mas com o retorno a Portugal em 1821, após um ano foi proclamada a Independência, almejando que o nosso país defendesse seus interesses próprios, sempre atendendo a elite. A educação estava em suas mãos.

Após a Independência, aumenta o prestígio dessa classe que, apesar de não ter tido uma formação adequada, vê se dona de sua própria educação. Todo esse processo sempre esteve nas mãos das classes dominantes, aristocrática, militar ou fundiária. O povo, sempre como espectador e sem atuação nas organizações educacionais ou políticas do século XIX, era guiado e influenciado pela elite.

Desde a chegada dos jesuítas e até sua expulsão pelo Marquês de Pombal, a formação do povo estava centrada nas mãos de uma classe dominante, que impunha os seus conhecimentos sem direito a questionamentos, marcando o período do Brasil Colônia.

Com a expulsão desses religiosos, a organização do ensino, marcada pela falta de estrutura, fez com que essa classe, além de enviar seus filhos para estudar fora, pensasse na

reorganização do sistema educativo, propondo a elaboração de um novo plano de ação educacional, no governo de D. Pedro I. Por conseguinte, a educação brasileira ficou centrada nas mãos de D. Pedro I, que era imperador, não educador.

Com a Proclamação da Independência, em 1822, a educação, influenciada pelas idéias da Revolução Francesa, preocupou os políticos sob a inspiração dos modelos teóricos externos, verificando-se a decadência educacional. A grande preocupação dos dirigentes era com uma formação voltada para o povo e sua realidade.

Infelizmente não foi possível atender a essa classe, pois, com a abdicação de D. Pedro I, os brasileiros aspiravam um pouco mais de democracia e menos poder nas mãos do governo central. Essas idéias ocasionaram a desconcentração no sistema educacional e, com a retirada do poder pedagógico das mãos do imperador, a instrução foi transferida para cada um dos presidentes das Províncias; sobressaíram as mais desenvolvidas, enquanto as atrasadas foram ficando cada vez mais decadentes.

Diante de tantas tentativas em busca de uma melhor educação, o ensino, pelo menos o secundário, apresentou uma melhora com a criação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, visando ao ensino da Retórica, Gramática e das Humanidades em geral. Direcionado para a formação dos filhos das elites dirigentes, o ensino no colégio era organizado com classes pouco numerosas. Os professores eram nomeados pelo Imperador e fiscalizavam o trabalho do grupo, atendendo aos interesses das famílias mais poderosas e não ao povo.

Atualmente pode-se observar que pouco mudou, pois esse elitismo na educação, na cultura e nas artes é algo que sempre marcou a nossa história e sempre se menosprezou o ensino popular. A luta contra a opressão colonial na educação de massa revela a alienação dentro da condição colonial do país, sem capacidade para entregar-se a indagações e a criar um novo plano educacional. Em resumo, a formação educacional do indivíduo limitou-se a estabelecer uma base ideológica, em alguns ramos do saber, pretendendo somente a defesa da formação de uma sociedade de elite.

Nesse caso, *O Ateneu*, uma obra ficcional, pode ser comparado ao Colégio Caraça, uma instituição de ensino que até nos dias de hoje está aberta para visitação: ambos demonstram o funcionamento desses estabelecimentos que visavam uma pedagogia marcada por alguns objetivos, como se viu.

Situado a 1300 metros de altitude no Parque Natural do Caraça, com construções do século XVIII e repleto de relíquias históricas, culturais e religiosas, o Colégio Caraça localiza-se no município mineiro de Catas Altas e seu funcionamento estendeu-se por volta de cento e

cinquenta anos. Para compreender o Colégio Caraça, reportamo-nos ao livro de Maria Guerra Andrade sobre essa instituição.

Esta instituição era freqüentada por alunos preparados para ter sua formação voltada à disciplina moral e religiosa, os quais viriam a administrar a política de Minas e do país. No colégio, estudaram importantes homens políticos como Artur Bernardes, Afonso Pena e outros. Era uma casa de educação formadora de uma classe privilegiada.

Dirigidos pelos padres da Congregação da Missão, o Caraça abrigou, além do colégio (1820-1912), o Seminário Maior de Mariana (1854-1882) e uma Escola Apostólica (1885 a 1895 e 1905 a 1968) para a formação do clero lazarista. O Colégio teve seu funcionamento interrompido de 1842 a 1856 para, a partir daí, retomar as suas funções por mais cinquenta e seis anos. (ANDRADE, 2000, p.20).

Localizado entre montanhas e numa comunidade onde prevaleciam os religiosos, portugueses em sua maioria. A preocupação dessa casa estava voltada para a formação de uma mocidade.

De fato, não se pode conceber a gloriosa história do Caraça, a influência de sua formação religiosa, cultural e moral sem a austeridade disciplinar, como não se pode descrever a região sem mencionar a aspereza das pedras em semicírculo, o isolamento e o silêncio que ainda hoje a tantos impressionam. (ANDRADE, 2000, p.38).

Os alunos eram submetidos a uma rígida disciplina, regulados pelos horários reservados à alimentação, ao estudo, ao descanso e à oração. Para que a criança tivesse uma formação exemplar, dentro desse pequeno mundo, o colégio; ali desenvolvia a sua personalidade, adquirindo bons hábitos, quase uma vida monacal, condicionada por um mínimo de vida exterior.

Essa pedagogia privilegiava o rigor na formação educacional. Impunha uma formação doutrinária, cujo objetivo era formar a elite que dirigiria o país. Essa era a imagem da Casa; um estabelecimento de respeito. Os alunos eram preparados para ingressar nas universidades que exigiam cultura letrada, garantindo a distinção social e o acesso a uma sociedade de privilégios.

O rigor era imprescindível para o funcionamento da instituição, que era o centro de preparação de homens moldados para ocupar lugares de destaque na sociedade; por isso os alunos eram de famílias de prósperas condições sócio-econômicas, porque deveriam desfrutar de uma vida escolar prolongada, sem preocupações com o trabalho, apenas com os estudos. As crianças, por volta dos dez anos, eram levadas por seus pais que depositavam a confiança na formação educacional, cultural e social da instituição. Além dos projetos educativos, o colégio exercia o papel político para a construção de uma sociedade elitizada.

A educação propiciada no Caraça visava atender os filhos das famílias tradicionais de Minas, como os fazendeiros, criadores de gado e comerciantes responsáveis pelo comércio e o funcionamento local; tinham eles o privilégio de serem educados como os herdeiros do poder na sociedade; havia também o preparo de alguns dos alunos que, no silêncio e na solidão, seguiriam a vida religiosa.

Cabe lembrar que neste período a maioria da população era ignorante e não tinha acesso a uma vida cultural e educacional de destaque, por isso permaneciam no poder os que provinham de famílias abastadas e que iam para o colégio para serem preparados para o futuro brilhante que os esperava.

Formar o homem, o homem honrado, socialmente ativo, educado na religião e nas letras, está na essência dos objetivos pedagógicos do Colégio do Caraça. A construção da idéia de homem-ilustrado e destacado diante dos demais- está por exemplo expressa na gíria colegial caracense, “tebas”, que significa aquele que é merecedor de dois altos tributos: sabedoria e valentia. (ANDRADE, 2000, p.105).

Tratava-se da formação de meninos preparados dentro de uma pedagogia vigilante e de exílio, para que se conhecessem e estivessem preparados para o mundo, onde fossem bem olhados por todos com honra e mérito; o religioso, o futuro político e o exemplar pai de família.

1.4 A criação do romance: *O Ateneu*

Nos últimos anos, observou-se a crescente importância dos estudos de que foi alvo o romance, que passou a ser analisado sob diferentes aspectos, como a análise psicológica e o interesse pelos conflitos sociais e políticos. Essa preocupação iniciou-se principalmente a

partir do final do século XIX, quando houve o desenvolvimento do estudo da alma humana e das relações sociais.

Nessa época, o romance não foi mais simplesmente uma estória, mas passou a ser fruto da observação, da análise do homem e da busca da própria razão de ser; ou seja, tornou-se veículo de descoberta dos mecanismos de funcionamento da sociedade. Com a ascensão da burguesia, essa nova concepção literária tornou-se o porta voz dessa classe em que ambições, desejos, bem-estar e conforto financeiro eram o seu objetivo:

A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa- contos de fada, lendas e mesmo novelas- é que ele nem precede da tradição oral nem a alimenta. (BENJAMIN, 1987, p.201).

O indivíduo isolado já não suportava mais viver moldado dentro dos parâmetros da sociedade e desejava se conhecer. Assim, segundo Benjamin (1987, p.201), “escrever um romance se tornava um ato de elaboração da imaginação na vida do escritor, porque ele queria conhecer a alma humana; isso exigia uma maturidade intelectual capaz de entender o seu mundo e as suas experiências do dia-a-dia”. Por isso, o romance tornou-se uma possível aproximação de duas realidades: a ficcional e a real.

Desde a Antiguidade, o romance levou centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis: criar e entender uma sociedade voraz de poder. Esse processo foi decisivo para a elaboração de um novo romance que expôs esta crise social, sedenta por informações e pela busca de poder.

Sem dúvida, essa busca foi justamente o fundamento sobre o qual o romance *O Ateneu* se construiu dentro de uma realidade da vida, representante do mundo objetivo que se baseava na vivência do dia-a-dia do escritor e do seu mundo subjetivo; ou seja, foi a sua imaginação que possibilitou a criação da obra. O testemunho da vida pessoal de Pompéia foi o ponto de partida do discurso da ficção.

Segundo o professor Segolin, durante suas aulas proferidas em agosto de 2006, “essa unicidade entre mundo exterior e real e o mundo interior e imaginário, foi o reconhecimento da consciência que o escritor teve de si mesmo e de seus personagens na escrita de sua obra”. Assim, o romance foi como um organismo, composto a partir da individualidade de um ser

vivo e de sua aspiração sentimental. O autor Pompéia, representado na personagem central Sérgio, integrou o significado da formação de sua vida no mundo hipócrita do internato. Sob esse aspecto, a obra foi uma tentativa de reescrever o seu passado.

Essa recordação “é somente um substrato e material de conteúdo diverso das mesmas formas categóricas que fundam seu mundo interior [...]” (LUKÁCS, 2000, p.79). Ele é a experiência entre as realidades real e ideal como um sistema de idéias, que compõe a totalidade da obra, a peregrinação de um indivíduo problemático rumo a si mesmo dentro de uma realidade, o colégio, que deveria ser o formador das pessoas, não o destruidor dos pensamentos de seres em pleno processo de formação.

Na obra de ficção *O Ateneu*, a intenção de Pompéia era criar personagens que reproduzisse os seus colegas do colégio. Com isso, o autor se deteve na descrição dos seres aptos à reprodução da ordem psicológica ou sociológica da realidade peculiar ao colégio; as experiências colegiais serviram de base à busca do sentido da vida.

Essencialmente, a obra consiste na recriação do mundo colegial, com sua vida própria e coletiva, apresentando uma visão particular, única e geral de um ambiente escolar; por isso o romance é em parte também a recriação da sociedade em geral, caracterizada pela decadência, mas que o autor, por meio de suas vivências colegiais, desejou reconstruir.

É verdade que o desenvolvimento de um homem é o fio a que o mundo se prende e a partir do qual se desenrola, mas essa vida só ganha relevância por ser a representante típica daquele sistema de ideais vividos que determina regulativamente o mundo interior e exterior do romance. (LUKÁCS, 2000, p.83).

Todavia, o propósito da obra analisada visa particularizar, concretizar e individualizar as personagens; assim é o que se dá com Sérgio, que revela a realidade dos momentos de submissão vividos tanto na infância, em obediência ao pai, quanto no colégio do Sr. Aristarco, presente no texto do romance.

Dessa maneira, tem importância a análise do protagonista do romance, que constitui o elemento estrutural indispensável à narrativa; é por meio dele que ocorrerá o desenvolvimento das ações na obra. “Personagens do romance são pessoas que vivem dramas e situações dentro da narrativa, à imagem e semelhança do ser humano [...]” (MOISÉS, 1985 p.138). Por isso, ela está intimamente ligada àquilo que se conta e como se conta, através da imaginação

criadora ou, às vezes, da confissão autobiográfica do escritor, que implica a confrontação entre um passado vivido e um presente de recordações.

Assim, a personagem foi analisada não apenas como reprodução dos seres vivos, mas como modelos a serem imitados, identificando-se com o homem para a demonstração de suas sensações e de seu caráter moralizante dentro da sociedade. Por isso, na obra, o protagonista Sérgio foi criado a partir do modelo humano, o próprio autor Raul Pompéia.

Neste sentido, tanto a personagem Sérgio quanto o autor Raul Pompéia revelam as afinidades e diferenças entre o ser vivo e a personagem da ficção, pois são capazes de abranger a personalidade de um e do outro: ambos viveram sob o domínio de um rigoroso regime educacional instituído no colégio que na ficção recebeu o nome de Ateneu.

“Em todas as artes literárias e nas que exprimem, narram ou representam um estado ou estória, a personagem realmente “constitui” a ficção [...]”. (CANDIDO, 2004, p.31); ela adquire uma característica definida em semelhança ao ser real, proporcionando maior coerência do que as pessoas reais. Por isso, o autor, por meio de todos esses recursos, torna a personagem um dos principais elementos formadores da obra.

O texto constitui-se através de uma personagem-narrador, fruto da imaginação do escritor, que passa a fazer parte do mundo narrado; esta é apresentada diretamente, através do narrador, Sérgio, é também personagem, mas não é o sujeito real: tornou-se o manipulador na obra. Ele narra os eventos na vida no colégio e os estados de conformidade dos momentos vividos por ele e pelos colegas, que deveriam mostrar o mútuo conhecimento e confraternização existentes nos colégios.

Pois a reflexão do indivíduo criador, a ética do escritor no tocante ao conteúdo, possui um caráter duplo: refere-se ela sobretudo à configuração reflexiva do destino que cabe ao ideal na vida, à efetividade dessa relação com o destino e à consideração valorativa de sua realidade. Essa reflexão torna-se novamente, contudo, objeto de reflexão: ela própria é meramente um ideal, algo subjetivo, meramente postulativo, também ela se defronta com um destino numa realidade que lhe é estranha, destino este que, dessa vez puramente refletido e restrito ao narrador, tem de ser configurado. (LUKÁCS, 2000, p.86).

A personagem-narrador exhibe, por meio do texto do romance, os ideais a respeito de si mesmo, e transforma essa idealização no conteúdo da obra. O romance, além de narrar uma estória, aponta a maneira como ela foi feita, evidenciando a relação entre autor e personagem.

Por conseguinte, podemos inferir que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício. É importante, portanto, vê-lo no seu contexto social e econômico. Se é possível conceber a obra como representação do mundo, e a personagem como um reflexo perfeito ou imperfeito da pessoa humana, o que a obra sobretudo nos proporciona não é propriamente uma cópia fiel do real, porém um ser verossímil.

Essa relação ser vivo e ser fictício foi o fundamento para a construção do *Ateneu*, pois trata da relação entre o protagonista Sérgio e também o autor Pompéia; revela a sociedade burguesa representada pelo diretor Aristarco, por meio de sua atitude e de seu poder.

Foi dentro deste ambiente modelador de caracteres que a personagem se confrontou com os problemas de hipocrisia, revelados pelos indivíduos componentes da narrativa, diante da conformidade instituída pela autoridade do diretor. Aos poucos, Sérgio se depara com o mundo de aparente conformismo e de revolta, tomando consciência de si mesmo.

Dessa maneira, a experiência de aceitação e de ressentimento diante da vida e da sociedade fez com que Pompéia demonstrasse, por meio de sua obra, o resultado de destruição do eu num ambiente que deveria ser capaz de propiciar a formação do ser humano: a instituição educacional.

No fundo, Pompéia ressaltou a própria personalidade em toda a sua força, a ponto de jogar contra todos e contra si mesmo a aceitabilidade incontestável diante da hipocrisia educacional instituída pelo diretor. Na sua obra, a personagem Sérgio foi intencionalmente criada para demonstrar a sua vingança contra o internato onde estudou, pois, em vez de se conformar com os paradigmas aceites e exaltados pela maioria dos alunos no colégio, ele declarou sua rebeldia.

Na narrativa encontramos, como aspecto fundamental da narração, a estória do funcionamento dos colégios no século XIX, em especial o colégio Abílio; na ficção, o *Ateneu* é apresentado ao leitor por Sérgio, o protagonista.

A personagem atinge então uma validade universal, pois ela vive as possibilidades das situações humanas graças à sua verossimilhança; apresenta-se sempre em jogo com a realidade, onde se defrontam seres com características semelhantes às dos seres reais. A personagem constitui um elemento estrutural indispensável ao romance, pois, sem personagem, a narrativa se tornaria qualquer validade.

Como diz Vítor M. de Aguiar Silva (1993), “na tradição literária, quer no teatro, quer nas artes plásticas e no cinema, a personagem permanece atuante, exercendo uma ação reveladora das sensações psicológicas e morais do ser humano [...]”.

Na sua própria origem etimológica- persona-, manifesta-se a idéia de “ficção”, não nos parecendo pertinente o argumento de que é inadequada a sua aplicação a possíveis agentes narrativos como os animais, os objetos ou os conceitos. (SILVA, 1993, p.694).

Sabemos que a obra literária será lida por homens e, por tal razão, os animais, objetos e conceitos, quando presentes no texto, encontram-se antropomorfizados, pois o indivíduo projeta ou exprime neles os seus valores. Vê-se assim que a “personagem” caracteriza as propriedades psicológicas, morais e socioculturais na narrativa, uma vez que sua ação pode funcionar como simulacro dos valores ideológicos de uma sociedade e do próprio ser humano.

Isso contribui para mostrar a mudança que a personagem sofre no romance, pois ela era vista e definida pelos elementos que a caracterizavam: os traços fisionômicos, o meio social em que estava inserida, a sua ocupação profissional; esses traços marcaram a sua crise na segunda metade do século XIX, com os romances de Dostoievski, por exemplo, que propunham um homem em busca da sua razão de ser, além do valor de sua própria pessoa.

Nesse sentido, Pompéia apresentou as personagens presentes na obra, dando-lhes nomes e sexos, determinando-lhes gestos plausíveis e de comportamento; elas estiveram condicionadas ao que o autor imaginou a respeito de outras pessoas e sobre si mesmo, num processo de investigação quanto ao comportamento do ser humano dentro duma instituição moldada nos parâmetros que lhe eram impostos.

Vê-se assim que o autor não apresentou diretamente as suas personagens; primeiramente, ele traçou a imagem exterior, em seguida deu a chave de sua personalidade e, depois de uma breve descrição, revelou-se por meio de suas ações. “O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. [...]”. (AT, p.24). Essa personagem foi o alvo de inspiração para a construção da obra, pois foi por meio dela que o narrador, Sérgio, demonstrou a sua revolta contra o internato. A sua aparição nesta fase já evidenciava a apresentação de sua figura moral e social: Aristarco o grande pedagogo.

A personagem revelou-se, e ainda se revela, como problema sempre reproposto, por força, cremos nós, de sua natural e inevitável mobilidade, espelho, aliás, do dinamismo básico da atividade artística, infensa, por natureza, ao já feito, ao já consagrado, ao já estabelecido. (SEGOLIN, 1978, p.9).

Em sua forma mais simples, são construídas à volta de uma única idéia ou qualidade, por isso são reconhecidas com facilidade e lembradas pelo leitor. Na obra *O Ateneu*, a personagem Aristarco foi utilizada pelo autor para apresentar as características de um indivíduo representante de uma sociedade fingida, moldadora de falsos caracteres. Assim, a personagem “passa a ser vista como um sistema de funções e não como um retrato ficcional do ser humano [...]” (SEGOLIN, 1978, p.11), ou seja, ela pouco muda, ou nada, na narrativa. A ação é mais para revelar quem ela é do que para mostrar as alterações de seu caráter. Mas, quando as descrições características são apresentadas com frequência na obra, a personagem pode chegar a ser caricatural. Nesse sentido, o diretor Aristarco é uma caricatura criada por Pompéia. Apresenta-se frequentemente a mostrar o seu poder sobre os alunos, ainda muito jovens.

Por sua vez, a personagem Sérgio, que se apresenta no início da obra com a pureza de uma criança, será corroída pelos aparatos falsos do internato, que nele dão origem a uma profunda revolta diante da vida. Desse modo, o protagonista tem um valor especial na obra, no momento em que representa o próprio ficcionista noutra época etária. Embora os seus colegas tenham degenerado pouco a pouco, visto que aceitavam o poder imposto pelo diretor; naquele meio corrupto e sem questionamento, Sérgio demonstra sua indignação diante das ações submissas de seus colegas.

O modo como Pompéia construiu suas personagens em *O Ateneu* representou uma inovação na literatura brasileira, pois nenhum outro escritor havia sido tão criativo e inovador na caracterização; ele criou um mosaico de retratos, que buscavam denunciar toda uma sociedade hipócrita.

Foi pelas suas personagens, em especial Sérgio, o protagonista e também como narrador, realizaram o desejo de Pompéia de declarar a sua indignação contra a sociedade a que pertencia. Por isso, fica evidente a importância que o narrador desempenha na obra, pois é ele que vai conduzindo o leitor para um mundo que vai sendo criado durante a leitura do texto. “Assim como não há cinema sem câmara, não há narrativa sem narrador [...]” (BRAIT, 2004, p.53). Por isso, dentre as personagens presentes na obra, há aquela que se destaca pelo seu valor: o narrador responsável pela construção fictícia do texto.

É assim que muitas vezes o narrador se assemelha ao protagonista, adquirindo as suas características, pois ele retira da sua própria experiência os elementos que compõem as personagens, possibilitando o relato do que ocorreu consigo e com seus colegas. É a visão do

narrador que determinará as informações presentes no texto, pois é ele quem sabe o que sucedeu na obra. Segundo Benjamin,

...isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida. (BENJAMIN, 1987, p.200).

Sob essas evidências, *O Ateneu* não é uma reprodução exata de uma determinada realidade, mas a transposição dessa realidade para a ficção. Neste sentido, a ficção se tornou mais verdadeira do que a história no romance, pois foi além dos fatos comprovados devido à liberdade do autor em compor a obra, permitindo-lhe enfatizar certos traços e ridicularizar outros.

O mundo do internato, cenário da história, foi visto e representado a partir da perspectiva pessoal de Sérgio. Desse modo, a instituição, os colegas, os professores e o diretor Aristarco foram representados em função de certa ótica caricatural, em que erros, hipocrisias e ambições foram projetados e emoldurados pela ironia.

O internato foi uma espécie de representação em miniatura da vida colegial; a partir de tal exposição, alcançou ser a imagem da sociedade dessa época. Vemos um exemplo, na passagem em que o pai de Sérgio lhe apresentou o colégio: “*Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta*” (AT, p.22).

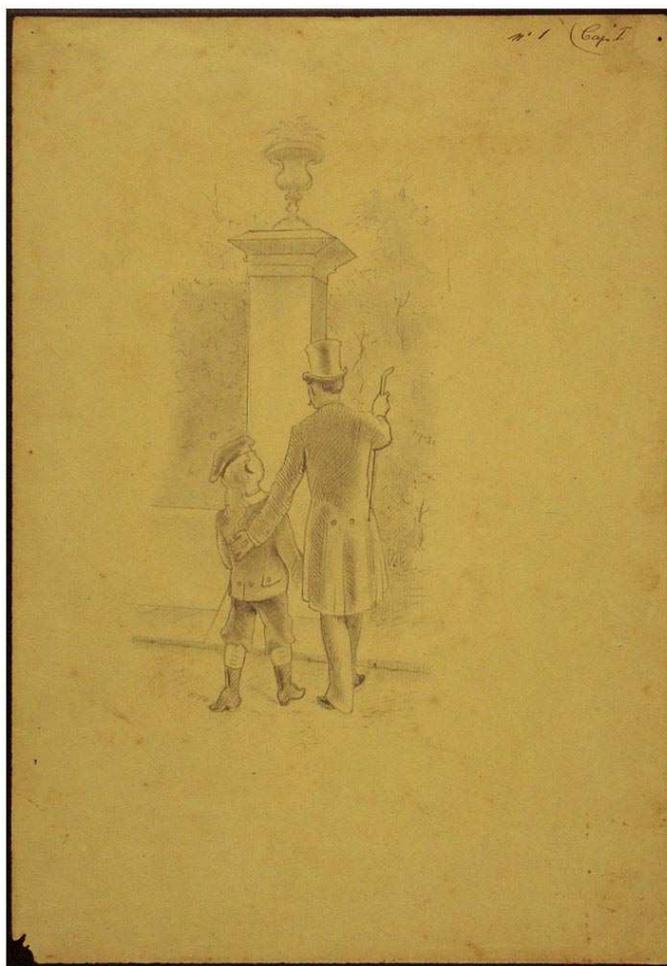


Figura 1¹ – O pai de Sérgio apresenta-lhe o colégio

Passo a passo, a personagem Sérgio mostra semelhanças com os modelos humanos, não do ponto de vista de suas marcas individuais, mas do prisma de suas características genéricas. A construção da personagem, no decorrer da obra, deve revelar o real, mostrando o seu comportamento com aquela idade e principalmente sua condição social.

A personagem Sérgio passa a ser construída através das recordações, lembranças e impressões que marcaram sua vida no internato, resgatadas pela memória, sugerindo um caráter saudosista, o que é indicado pelo subtítulo da obra: *Crônica de Saudades*, ou seja: o passado foi concebido pela memória, e evocou as alegrias e sentimentos, tristezas, entusiasmos, decepções, tédio e indignação do protagonista.

Sérgio apresenta uma atitude de revolta contra a rotina escolar e as convenções burocráticas, que se mostravam como um aparato falso por causa da atuação do diretor do

¹ Imagem existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, segundo desenho do próprio autor, Raul Pompéia.

internato, cuja severidade pedagógica já se define pelo nome Aristarco², que funciona como um indício de relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico e ideológico) da personagem.

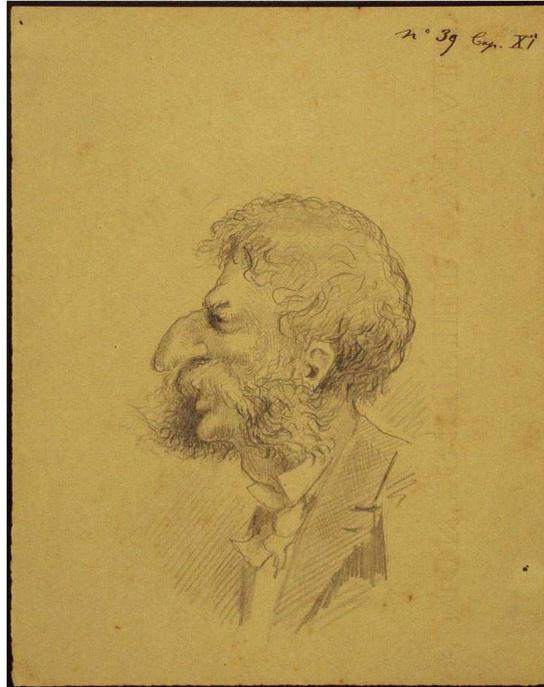


Figura 2- Caricatura do Sr. Aristarco Argolo dos Ramos.

Na criação das personagens, a partir da sua história, é muito importante examinar o contexto, reflexo da cultura em que ela está inserida. Aos poucos, a história, que vai sendo construída pela memória neste contexto, permite a relação do presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações do cotidiano. Pela memória, o passado não só vem à tona, como aparece com o objetivo de levar o sujeito a reproduzir a experiência adquirida no dia-a-dia. Portanto, a memória permite refletir sobre o homem e sua história, pessoal e coletiva, através das diversas formas de relacionamento: com a família, a classe social, escola, Igreja, profissão e com os grupos de convívio que permitem a formação de um destino armazenado de lembranças individuais, responsáveis pela construção da identidade do sujeito.

A identidade se edifica a partir de versões do passado, que funcionam como uma referência comum para um certo grupo e que fornecem coerência no transcorrer do tempo,

² Aristarco Argolo dos Ramos- Etimologicamente seu nome significa “governante entre os melhores”, evidenciado pelas palavras : *aristocracia* e *monarca* cujos radicais *aristo* (governo) e *arc* (posição superior) compõem o nome do famoso diretor do Ateneu. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

fruto das experiências que irão criar os quadros de representação simbólica. Ao se constituir, a memória passa a ser um processo de ordenação, de produção de sentido, que pressupõe enquadramentos, esquecimentos e silêncios. Fatos e aspectos do passado são recordados a partir da relevância que têm para os indivíduos que ainda se lembram de alguns momentos do dia-a-dia de outrora e mostram a construção da identidade e suas relações pessoais.

O indivíduo não nasce formado: ele é construído pela memória pessoal e coletiva de seu povo e de sua cultura. Pela memória coletiva e pessoal, pelos aparatos do poder e revelações de cunho religioso, a construção das identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas.

Na obra *O Ateneu*, o perfil da personagem Sérgio foi traçado por meio de suas confissões relacionadas com a memória, lembranças, recordações e esquecimentos, vividos no colégio. *O Ateneu*, cujo subtítulo [crônica de saudades] indica tratar-se de um livro de memórias, é narrado em primeira pessoa, o que permitiu ao narrador entrar no complexo mundo das revelações. Assim, Sérgio expôs as suas experiências e seus questionamentos, frutos de uma mente perturbada e conflituosa, projetada também no comportamento freqüentemente conturbado das demais personagens; tudo impulsionado pela memória. Dessa forma, o desvendamento das aparências, seja do homem, seja da sociedade, revolucionou o conceito de personalidade, tomado em relação a si e a seu meio.

Considerando que o narrador nos leva para dentro das várias personagens, podemos afirmar que se Sérgio parece nos tão real, é porque o romancista sabe tudo a seu respeito, ou dá-nos esta impressão, mesmo que não o diga claramente. O narrador deteve-se diante de cada um dos pequenos heróis do drama do internato. Aristarco, o diretor, é exemplo de um educador rígido, que exemplifica toda uma esfera social. Ele é a representação de poder, o “Deus” do Ateneu, seu criador e diretor, pois “Acima de Aristarco- Deus! Deus tão somente; abaixo de Deus, Aristarco” (AT, p.37). Essa imagem mostra-nos um Aristarco que incorpora o atributo de caráter divino o aproxima de Deus, elevando-o ao nível divino e distanciando-o dos homens, sempre manipulando autoritariamente seus alunos, além de estimular a espionagem.

Verifica-se na obra a presença de um tempo, para que a distância entre o mundo real e o mundo literário, criados no romance, acompanhe durante a leitura, o próprio texto. A construção da identidade da personagem se deu pelas recordações construídas com o tempo, as quais foram constantemente reordenadas a partir das lembranças da personagem. Direta ou indiretamente, a experiência individual, externa e interna, e a experiência social ou cultural, interferiram na concepção do fluir do tempo. “O tempo é inseparável do mundo imaginário,

projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações. [...]” (NUNES, 2003, p.24). Daí o tempo jamais se revestir da continuidade do tempo real, que transita, do presente ao passado e do passado ao futuro.

Colocar o passado e o futuro no presente por intermédio da memória e da imaginação criativa, traz consigo a noção de passagem, transição; por tal razão, é por essa realidade transitória, que se avalia o tempo. O tempo estabelece uma relação entre *expectativa e memória*. (NUNES, 2003, p.24).

A sucessão de fatos conseqüentes a tal expectativa explica-se pela dimensão episódica dos fatos narrados. A história é feita de acontecimentos cristalizados na memória. Esta conserva as lembranças dos acontecimentos nela impressos inconscientemente, capazes de recriar a vivência do dia-a-dia.

Por um lado, em *O Ateneu*, a narrativa construiu-se a partir da perspectiva do protagonista, Sérgio, já amadurecido, que analisa os fatos, percepções, situações, etc., que constituíram seu passado e a estrutura social do internato. Por outro lado, os episódios relatados desvelam sucessivamente os níveis de corrupção e de miséria moral que imperavam no antigo colégio, fundado pelo Barão de Macaúbas.

Beth Braith lembra que Raul Pompéia não escolheu “o caminho da exposição das idéias, ou de um realismo mimético que “visa” copiar o mundo [...]” (BRAIT, 2004, p.27). Ao contrário, afirma ela, o autor buscou escolher em seus personagens os elementos significativos, capazes de reconstruir a realidade: quis encontrar na sua recriação do mundo os acontecimentos experimentados outrora.

Em *O Ateneu*, o passado foi recuperado por meio das palavras, numa espécie de quase libertação. Todavia, o sentimento irrecuperável de perda, de finitude, está presente; e isso é lembrado simbolicamente pelo incêndio, provocado por um dos alunos, que destruiu o edifício.

A cena do incêndio nos faz refletir sobre a angústia e os conflitos do menino Sérgio diante da sociedade colegial; uma forma de libertação dos paradigmas institucionais: do colégio, da família e da sociedade, que permitiram a existência do *Ateneu* na ficção.

Pompéia suicidou-se em 1895, com um tiro no coração e deixou este bilhete: “À *Gazeta de Notícias e ao Brasil, declaro que sou um homem de honra*”. Ele acreditava que somente no suicídio encontraria a solução para as suas angústias, pois essa idéia o inquietava desde os primeiros anos de sua existência; viveu sob um rigoroso regime de educação imposto

por seu pai, Dr. Antônio d'Avila Pompéia, um homem introspectivo e com hábitos muito severos.

Sua mãe, D. Rosa Teixeira Pompéia, oriunda de família portuguesa, era mais compreensiva com o filho, mas ajustava-se aos rígidos princípios do marido. O pai não perdoava a mais inocente travessura, por isso Pompéia não teve as brincadeiras da infância como as outras crianças.

A destruição do colégio concretizou-se na memória, que, no presente da escrita, ressaltou o fim de um mundo cruel, simbolicamente indicando a decadência de todo o sistema educacional e, mesmo, da própria monarquia. Antimonárquico, Raul Pompéia assumiu, com sua obra, a defesa do ideal republicano. Nesse sentido, o poder de Aristarco sobre os componentes do colégio aniquila-se com o incêndio, manifestando a revolta de Pompéia que denunciou o discurso escolar autoritário instituído em prol da opressão da juventude.

1.5 Sérgio e as suas lembranças do Colégio

Tendo por base novas teorias científicas, acreditava-se que seria possível um conhecimento mais pleno do ser humano. Tais teorias seduziram também o artista, que passou a investigar formas narrativas capazes de traduzir a complexidade conflituosa e contraditória dos pensamentos, sensações e desejos de suas personagens.

Assim, procuraremos mostrar como as narrativas, em especial este romance, tornou-se um universo organizado, coerente e lógico; e como se deu a formação da personagem Sérgio por meio de sua memória construída das lembranças da vida no colégio Ateneu. Para que essas recordações se tornassem presentes na consciência do escritor, era necessário que a sua memória o obrigasse a isso, pois as suas lembranças poderiam ter-se originado de seu estado emocional: a sua tristeza com o colégio e com todos que o freqüentavam.

O autor, por meio de suas recordações, demonstrou que tinha lembranças dos quadros sociais reais que serviram de referência para a reconstrução dos fatos presentes na sua memória. Para analisá-la, portanto, foi preciso também uma reflexão sobre o meio social em que o narrador estava inserido: basicamente o colégio, responsável pela cristalização de suas lembranças e de sua construção como pessoa. Mas, para que isso fosse compreendido, foi necessário primeiramente entender a formação da personagem “não como expressão, por meio de um estilo, da experiência humana, mas como uma preocupação em formalizar a realidade [...]” (SEGOLIN, 1978, p.25).

Por isso, as lembranças são um ponto de referência que permite situar os quadros de uma sociedade e de uma experiência coletiva histórica, correspondentes à sucessão das vivências individuais, os quais resultam em mudanças intelectuais na formação do indivíduo; tudo produzido pelo seu relacionamento com os grupos atuantes no colégio. Ou seja, quando um acontecimento do passado demonstrava que o indivíduo fazia parte de um determinado grupo e vivia sempre em contato com o mesmo, ele seria então capaz de se identificar com as pessoas com as quais convivia, adquirindo os mesmos hábitos e costumes.

Se esta análise estiver correta, o resultado para onde nos conduz permitiria talvez responder à objeção mais séria e, aliás, a mais natural a que nos expomos quando pretendemos que só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar em uma ou mais correntes do pensamento coletivo. (HALBWACHS, 2004, p.40).

Dessa maneira, Sérgio foi criado pelo autor para representar e denunciar os erros de indivíduos que viveram a realidade de uma sociedade submetida no seu tempo à hipocrisia. Ainda criança foi guiado pelo seu pai ao internato, depositando este toda a confiança na formação intelectual de seu filho. “Embora tente ocultar o rancor evidente que tem contra os seus pais o terem forçado ao tormento de um colégio interno, tal ressentimento vem à tona [...]” (HEREDIA, 1979, p.67). O protagonista, dotado de uma pureza infantil, teve que aprender no colégio a conviver com um mundo desconhecido, que mais tarde lhe revelou a solidão, o confinamento, a disciplina cruel e a luta pela sobrevivência, marcados por um pessimismo em relação ao ser humano.

“Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase [...]”. (AT, p. 23). Imagina-se que Pompéia descreveu as sensações do protagonista como sendo a mesma que teve na sua infância, quando foi estudar no colégio Abílio, uma das escolas mais influentes da época. O romance mostra suas lembranças da infância, pois foi no quadro familiar que a recordação se situa; desde o início tais lembranças estiveram presentes e jamais foram esquecidas.

“O grupo do qual a criança fazia parte mais intimamente, naquela época, e que não cessa de envolvê-la, é a família. Ora, desta vez, a criança afastou-se dele. Não somente não viu mais seus pais, mas lhe podia parecer que eles não estavam mais presentes em seu espírito

[...]” (HALBWACHS, 2004, p.44). Assim, Sérgio sentiu o abandono da família diante da desconhecida instituição escolar, adquirindo uma impressão estranha e sentindo medo diante dos primeiros acontecimentos de uma vida colegial, jamais experimentados, que serviram como uma preparação para a vida adulta.

Sua memória foi construída dentro de um grupo colegial, onde se destacaram as lembranças dos acontecimentos e das experiências que foram recuperadas no relato da sua própria vida.

A sua individualidade foi sendo construída com base nas vivências coletivas do ambiente a que a personagem foi inserida, pois “a memória individual não está inteiramente isolada e fechada. “Um homem, para evocar o seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros [...]” (HALBWACHS, 2004, p.58). É na história vivida socialmente que tem origem a memória, principalmente as lembranças da infância.

Desde que a criança ultrapasse a etapa da vida puramente sensitiva, desde que ela se interessa pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes de pensamento coletivo. (HALBWACHS, 2004, p.66).

É na infância que têm origem os pensamentos individuais comuns ao grupo do qual a criança faz parte; porque é essa fase da vida que dará origem ao futuro adulto. Por isso, Pompéia iniciou sua obra a partir da perspectiva e sensações de uma criança, Sérgio, que mais tarde se transformou no adulto consciente da hipocrisia vivida no internato; é o local responsável por conservar e reviver a imagem de seu passado repleto de reflexões pessoais, de lembranças familiares e sociais.

O Colégio Abílio foi fundado pelo Dr. Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, considerado uma das maiores autoridades da época, o responsável por modelar os caracteres dos alunos devido à sua autoridade. Foi nesse ambiente de imposições que Pompéia conheceu o mundo de hipocrisia e a inspiração para a escrita de seu romance, *O Ateneu*.

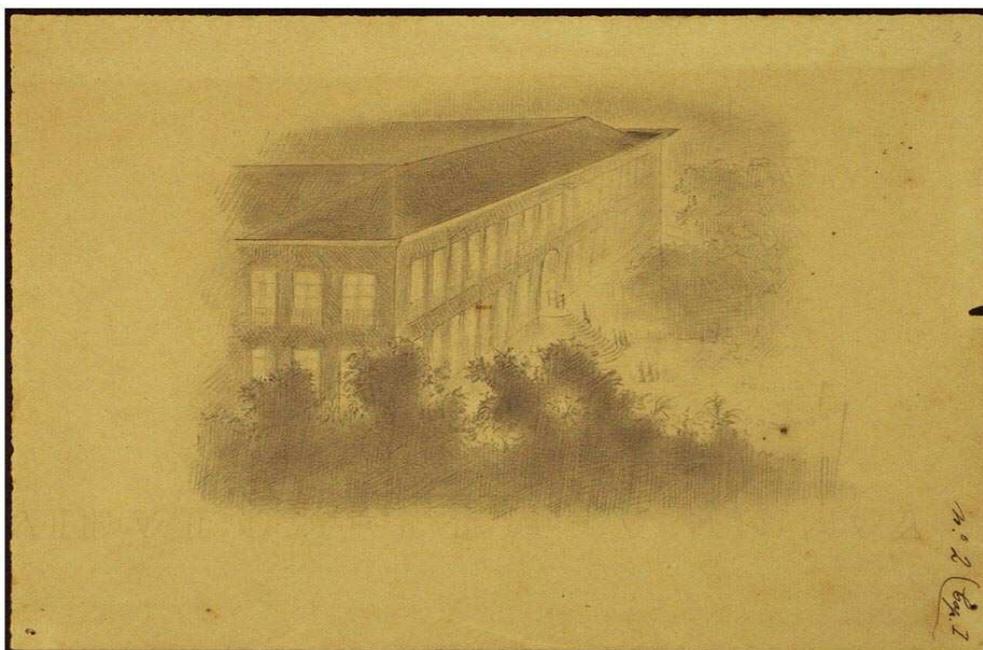


Figura 3³ - O Colégio Ateneu

Considerado o melhor e mais importante romance do autor, a obra retrata uma espécie de microcosmo não só da vida do escritor, mas também da sociedade brasileira, com os seus problemas políticos e sociais, durante o século XIX. Por isso, pretendemos não só demonstrar a experiência individual do autor, mas também a experiência coletiva, quer de sua família, quer de seu grupo social na época.

Administrado por Aristarco, o despótico diretor que simbolizava a aristocracia brasileira e que adotava um sistema educacional em processo de deterioração e desagregação dos costumes e valores educacionais, ele era um chefe que governava à moda do Imperador do Brasil. Representava uma classe privilegiada, demonstrando ser um pedagogo de renome, mas, às escondidas, era corrupto e sem escrúpulos.

Era nas festas do colégio, comemorativas de determinadas datas, que o seu prestígio crescia, pois seu objetivo era aumentar a sua fama no Ateneu e alimentar o seu egoísmo ilimitado presente no seu comportamento pedagógico. Assim, por meio de suas técnicas de propaganda com cerimônias esplendorosas, acompanhadas de bandas de música, ganhava a confiança e o agrado das famílias de maior prestígio no reino, que acabavam matriculando seus filhos no internato, depositando toda confiança em Aristarco.

“Embora Aristarco seja submissamente idolatrado como um rei pelos seus cortesãos, deificado em bronze, para a posterioridade, pelos alunos, desenhado e pintado sob milhares de

³ Imagem existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, segundo desenho do próprio autor, Raul Pompéia.

perspectivas, o seu egoísmo não estava nunca satisfeito [...]” (HEREDIA, 1979, p. 24). Ele não se assemelhava como pessoa ao Imperador; o seu objetivo era ganhar o prestígio de uma classe privilegiada e obter perante a sociedade uma fama equivalente à de D. Pedro II.

Inicialmente, no ano de 1888, um folheto denominado *O Ateneu* foi publicado na *Gazeta de Notícias*; isso provocou grande agitação entre os intelectuais da época, devido às críticas aos internatos e à ação desmoralizadora, ali, do ser humano.

Segundo a análise feita por José Veríssimo, famoso historiador da Literatura Brasileira, *O Ateneu* foi a melhor obra naturalista; Eloy Pontes fez um trabalho biográfico sobre o autor, contribuindo para o acervo de informações; Mário de Andrade ressalta o aspecto naturalista, ao lado dos artigos de Araripe Júnior. Dessa maneira, foram observadas diferentes características estilísticas, como também é feita a caracterização das personagens, através de metáforas ousadas e hipérbolas engenhosas, para intensificar a ação ou os sentimentos descritos na obra. A criação do discurso educacional, dotado de uma riqueza verbal e de uma retórica de linguagem, mostra o contexto político-educacional de uma sociedade que se situava entre a monarquia e a república.

Pompéia tinha também aptidão para o desenho e para a crítica de arte, pois, por meio de suas personagens, com traços caricatos, processou-se a construção de sua obra, através da combinação de elementos estruturais, como o enredo, a criação de personagens e os demais componentes de um romance.

Trata-se de um romance de formação. Por meio da memória construída sobre o dia-a-dia do internato, *O Ateneu* ultrapassa os parâmetros conceituais do *Bildungsroman*, visto não ser somente um romance de aprendizagem ou de evolução, em que o homem se forma e expõe a sua caminhada interior, mas também tratava-se de uma sátira, formulada a respeito desse processo, que retrata e reflete uma infância diante de imposições ditatoriais.

O romance de formação (*Bildungsroman*), por outro lado, não se afasta absolutamente da estrutura fundamental do romance. Ao integrar o processo da vida social na vida de uma pessoa, ele justifica de modo extremamente frágil as leis que determinam tal processo. A legitimação dessas leis nada tem a ver com sua realidade. No romance de formação, é essa insuficiência que está na base da ação. (BENJAMIN, 1987, p.202).

A obra leva ao seu reconhecimento favores pela memória e pela criação ficcional; situa-se entre o real e o verossímil, possibilitando, assim, o preenchimento do vazio existente

sobre o assunto, e o “eu” será preenchido pelas vivências dos jovens no colégio. Simbolizando uma parte pelo todo da época, a percepção de Sérgio/ Pompéia torna-se possível.

Narrado em primeira pessoa, entretanto, ao analisar as relações que se estabelecem entre o personagem-narrador, Sérgio, e a história narrada, observa-se que há uma inequívoca mistura de pontos de vista: trata-se de um narrador na primeira pessoa, confessional, o que acabará por resultar na formulação do autor, a respeito da vida no Ateneu. Ao relatar a história com o auxílio de suas personagens, a qual muitas vezes inclui o narrador, o autor demonstra a ilusão de que é ele quem comanda a história toda.

Primeira pessoa, é um dos tipos de técnica narrativa mais generalizados e antigos, vem sendo usado desde as origens da novela, sempre que se trata de uma narrativa confessional, autobiográfica, na qual a personagem central narra trechos de sua vida. É também uma técnica basicamente subjetiva, pois tudo emana de um ponto de vista pessoal, individual que tem, como resultado, uma visão bastante limitada dos fatos, quando se trata de narrar acontecimentos. (HEREDIA, 1979, p.42).

Sob essas possíveis evidências, Pompéia buscou em sua obra, por meio do protagonista Sérgio, ainda uma criança, demonstrar a dor dos primeiros contactos com a vida, o choque de quem se vê num ambiente desconhecido. “Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade [...]”. (AT, p.23). Sérgio encontrava-se dividido entre ser protegido no âmbito doméstico e fundir-se num novo mundo desconhecido, que mais tarde se revelaria por meio da falsidade evidenciada pela autoridade do diretor, destruindo e não construindo a formação intelectual e sentimental da personagem.

No entanto, o ponto de vista em primeira pessoa exprime melhor os sentimentos e as emoções interiores do protagonista, pois fez com que o autor tomasse conhecimento da relação dos fatos, utilizando a personagem para contar a história, preservando as vantagens da narrativa confessional, e tentando reviver suas memórias.

A dúvida sobre qual caminho trilhar surgiu diante da personagem-narrador Sérgio, demonstrando o tom doce e amargo de seu passado, reforçando-lhe o sentimento de frustração e pessimismo diante da vida, pois a sua existência estava condicionada a outra existência, o colégio.

Os diversos tipos de experiências vividos no colégio fizeram com que o autor elaborasse diferentes tipos de ponto de vista, como a sua formação intelectual e educacional, pois ele conhecia toda a história, dando maior liberdade ao narrador que, como um Deus, tudo sabe, tudo explica, tudo antecipa. Por isso, o autor, por mais que quisesse se ausentar ou se esconder, estaria sempre presente atrás de um narrador fictício, visto que o prazer da ficção consiste em permitir que o leitor analise a obra e elabore suas próprias conclusões por meio das personagens e de suas ações.

Quando lemos o romance *O Ateneu*, pensamos no enredo, porque a personagem Sérgio reflete sobre os seus problemas que são narrados no ambiente de sua formação educacional, o internato. O romance existe por meio das personagens que nele estão inseridos. “Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam [...]” (apud, ROSENFELD, 2004, p.54).

No romance, os seres fictícios não são vistos frequentemente como imitação da realidade exterior, mas como projeção da maneira de ser do escritor. Assim sendo, os estudos do romance do século XIX nada mais fazem que apresentar a reprodução da personagem, que, por meio do mundo fictício, refletem sobre os presentes na obra, demonstrando ainda que a maioria dos textos artísticos ou ficcionais relatam intencionalmente a criação.

A personagem-protagonista torna-se o “segundo eu” do autor, testemunhando e interpretando os demais componentes da obra, para apresentá-la como o resultado de uma experiência existencial intimamente ligada a uma experiência cultural: a convivência cotidiana, forçada a alimentar uma ideologia hipócrita e interesseira de uma opressão escolar. Daí, ser relativamente óbvia a interpretação do modo de ser da personagem, pois ela, graças ao recurso de caracterização, isto é, dos elementos que o narrador utilizou para descrevê-la e defini-la, dá a impressão de ser uma pessoa real, possibilitando uma melhor compreensão da obra; por isso, às vezes, pode-se dizer que a personagem é mais lógica do que o ser vivo.

É sem dúvida, o que aconteceu com Raul Pompéia em *O Ateneu*, onde dois “pontos de vista” se fundem: o de primeira pessoa, confessional, - o de Sérgio- menino que conta suas amargas experiências da infância e puberdade no colégio interno; e o de terceira pessoa, o ponto de vista onisciente de Sérgio (ou Pompéia) adulto que, distanciando, reflete sobre os acontecimentos e denuncia o que há neles de errado. (HEREDIA, 1979, p.44).

Uma vez que Pompéia escolheu estes personagens para a estrutura de sua narrativa, não há dúvida de que Sérgio, criança, viu e interpretou os acontecimentos que se desenrolaram diante de sua inexperiência. Sérgio, adulto, recordou as injustiças que aconteceram com ele no colégio. Por isso, Pompéia, por meio do narrador ainda criança, relatou a sua história e depois, adulto, expôs suas amargas conclusões diante da vida.

O Ateneu é uma obra que retrata a memória revelada pela personagem-protagonista através de suas experiências quando criança e, ao mesmo tempo, a maturidade do adulto. Sérgio interpretou e viveu as perseguições do colégio, resultando as suas recordações criadas neste ambiente, como, a seguir expôs as experiências e memórias de adulto.

Deste ponto de vista, podemos observar que o romance também passou por profundas modificações, que consistiram na passagem do enredo difícil, com personagens simples, para o enredo simples com personagens complicadas. É preciso um vasto conhecimento para a interpretação das pessoas representadas pelas personagens na obra construída por Pompéia, que, sem dar importância ao tempo cronológico, mostrou uma narrativa inovadora e ousada para a época.

O enredo é o responsável por exibir esta criação ficcional, exigindo do leitor inteligência e memória, já que é preciso compreender a história por meio de cada ação das personagens que a vivem dentro de uma seqüência do tempo. Na obra, esse percurso é representado pela passagem da infância para a juventude.

As sucessivas situações de transformação da personagem se concretizam ao passar do universo da imaginação do autor para a articulação de um mundo real, contribuindo para um maior conhecimento das relações do homem consigo mesmo, com o outro, e com o mundo. Assim, o enredo ficou dentro da realidade, mesmo que se pretendesse fingir que ela não existiu, pois seria sempre a expressão de um real vivido e um real possível.

Sendo a realidade vivida num sistema educacional de diversas ações em busca do conhecimento por parte das personagens, ela demonstra a desumanização dos indivíduos, a mecanização da vida, a tentativa de massificação da consciência dos internos por parte do diretor, Aristarco. Nessa relação entre ficção e realidade, está o grande enredo da obra, ligado à vida social do protagonista, enquanto o seu processo de transformação e formação individual ia sendo narrado.

“Pode-se dizer que a narrativa é o ato verbal de apresentar uma situação inicial que, passando por várias transformações, chega a uma situação final [...]” (MESQUITA, 1986, p.21). O narrador, já adulto, evocou as suas memórias, concebidas e marcadas pela

infelicidade de sua lembrança na casa de ensino da época, que foi representada como uma prisão, o que o fez refletir sobre os ensinamentos do colégio.

Sérgio mantinha-se fiel a si mesmo, não conservando de sua infância e de sua adolescência nenhuma lembrança amável, apenas recordava as amarguras que o colégio lhe proporcionara, como seus colegas, “pequenos patifes”, aos quais ele se referia, pois eram a máscara de uma falsidade, o prospecto de uma traição.

Vestia-se ali de pureza a malícia corrupta, a ambição grosseira, a intriga, a bajulação, a covardia, a inveja, a sensualidade brejeira das caricaturas eróticas, a desconfiança selvagem da incapacidade, a emulação deprimida do despeito, da impotência, o colégio, barbaria da humanidade incipiente, sob o fetichismo do Mestre, confederação de instintos em evidência, paixões, fraquezas, vergonhas, que a sociedade exagera e complica em proporção de escala, respeitando o tipo embrionário, caracterizando a obra presente, tão desagradável para nós, que só vemos azul o passado, porque é ilusão e distância. (LINHARES, 1960, p.14)

O narrador demonstra tanta sinceridade e indignação contra sua formação no colégio, que esse período entre o fim da infância e o início da adolescência, que teria sido de vital importância para a construção do caráter do ser humano, revelou-lhe o contrário, pois contribuiu para a sua desagregação, que teve como resultado a sua revolta.

Neste sentido, Sérgio é a representação de um ser fruto de uma coletividade de alunos que poderiam ter tido outro desenvolvimento se tivessem resistido ao conflito criado pela realidade inelutável das imposições do diretor e de seus mestres, visto que viviam numa época em que a riqueza da inteligência, com suas indagações, foi substituída pela aceitação, evitando qualquer espécie de construção do pensamento. Em consequência, os indivíduos se tornaram solitários, pois viviam em seu próprio mundo, sem comunicação, apenas num processo de passividade diante da vida. O drama da solidão foi um caso típico de asfixia moral, que se estendeu por todo o internato, fazendo que cada indivíduo vivesse em seu próprio mundo.

Se levarmos em consideração que Sérgio reproduz Pompéia, tanto isolamento fez dele um homem introspectivo, tímido, amargo e ressentido com a vida que levava. Isso acabou levando-o ao suicídio, que, segundo o psicanalista Freud, chamava-se de “instinto de morte enraizado na alma humana”, justificado pelas pressões sociais desastrosas.

Numa sociedade estável, o indivíduo apresenta-se com uma conduta cultural definida, mas, ao pertencer a uma sociedade como a do colégio Ateneu, composto de diversos caracteres em busca de sua própria formação, esse processo de “cristalização” do ser humano passa por uma desorganização social, já que são vários indivíduos dotados de diferente cultura em busca de sua própria formação e afirmação na sociedade, que se dão pelas experiências do dia-a-dia responsável por moldar a personalidade de cada aluno.

Assim, os fatos sociais, como a maneira de agir, pensar e sentir impostos pelo diretor do internato, foram os responsáveis pela formação de Sérgio, pura projeção da vida de Pompéia na obra ficcional. Raul Pompéia suicidou-se a 25 de dezembro de 1895, cansado de viver em uma sociedade hipócrita que celebrava a vida como bela e boa em si, mas que, na realidade, era o contrário. A sua individualidade já não suportava tolerar as frustrações a que estava submetido desde sua infância. Manteve relações contraditórias com o pai, que, representado pelo diretor Aristarco no romance, foi alvo de sentimento de repulsa

Sempre foi um homem sensível e de uma personalidade polêmica. Durante a sua vida escolar e acadêmica, participou de movimentos literários, organizando grêmios, jornais, e engajou-se em militância explícita pró-Abolição, durante os seus estudos em São Paulo, na faculdade de Direito. Tal militância causou-lhe reprovação, obrigando-o a transferir-se com um grupo de colegas para a faculdade do Recife, onde concluiu o bacharelado. Quando voltou para o Rio, não exerceu sua profissão de advogado, já que cursara Direito apenas para satisfazer o gosto do pai. Pompéia decidiu assumir seu gosto pelas Letras; e em prol do movimento abolicionista e pela República, se destacou pelos seus ideais de mudança em busca de uma sociedade justa.

No entanto, há que se destacarem três momentos extremos do radicalismo de Pompéia, como: o duelo com o poeta Olavo Bilac, por motivos partidários e políticos; o desacato ao Presidente da República (Prudente de Moraes), por ocasião do enterro de Marechal Floriano, sendo com isto penalizado com sua demissão do cargo de Diretor da Biblioteca Nacional (1895); o suicídio aos trinta e dois anos, na noite de Natal em 1895.

Dotado de genialidade, o autor ficou afamado por sua criatividade em trabalhar, por meio de uma linguagem caricatural, a descrição das personagens, em especial Sérgio, no romance. Sérgio deveria ser o alter ego de Pompéia, pois ele representa a caricatura de uma educação monarquista, dirigida por um imperador, o diretor do colégio Sr. Aristarco.

A inauguração do colégio Abílio foi uma tentativa de buscar sanear a situação caótica e desarticulada do ensino, que, na obra, será tratada no colégio Ateneu, em que a instituição “escola” encontrou-se privilegiada. Como a personagem central de uma temática do conflito

social, Pompéia tornou-se o porta voz de uma crítica coletiva, visto que os costumes escolares das raras escolas existentes na época construíam uma concepção não crítica e emergente na teoria pedagógica, mas, sim, a hipocrisia e o poder de uma sociedade colegial não formadora de indivíduos.

Sua história foi integrada à vida do narrador como uma “experiência” que ele dividiu com o leitor. Para Walter Benjamin (1987), a experiência envolve a conjunção na memória de certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. A inserção do indivíduo em um local específico constitui a outra forma de articulação narrativa da identidade, que inevitavelmente, evoca a questão da identidade cultural.

Cabe pensar no processo do sistema de educação pelo qual o Brasil passou por volta do século XIX até os dias atuais, sempre com relação entre o dominador e o dominado, demonstrando cada vez mais as divergências entre as classes. As diferenças culturais, históricas, raciais e sociais inserem-se num discurso colonial em que a construção da identidade se dá por meio destas relações paradoxais. Reconhecer o estereótipo de uma sociedade como um modo de reconhecimento cultural e de poder exige uma análise teórica e política do meio social em que o indivíduo está inserido.

Na obra *O Ateneu*, o escritor, por meio da sua ficção, declarou a sua revolta contra o internato, demonstrando a relação de subordinação educacional dos alunos perante o diretor Aristarco, pois eram moldados num processo de submissão e não de hierarquia. Segundo Mário de Andrade (1941), em um ensaio sobre *O Ateneu*, foi possível observar a indignação do autor com o sistema educacional:

Atira-se com um verdadeiro furor destrutivo contra tudo e todos do colégio, numa incompreensão, numa insensibilidade às vezes absurda e mesmo odiosa dos elementos que formam a difícil máquina da vida. Raul Pompéia se vinga. Se vinga do colégio com uma generalização tão abusiva e sentimental que chega à ingenuidade. Realmente era preciso que o grande artista tivesse excessiva consciência da sua constituição de tímido e irrealizado, enorme falso respeito dos princípios morais da família, pra brotar tôda a culpa de sua tragédia pessoal no processo educativo do internato (do seu internato) e, mais que odiá-lo, se vingar dêle com tamanha e tão foga exasperação. (ANDRADE, 1941, p.9).

CAPÍTULO 2- O CARAÇA COMO EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL

No século XIX, a educação se concentrava nas mãos da elite que se preocupava com a formação de seus filhos, pois eles seriam os responsáveis por dirigir a sociedade e ocupar um lugar de privilégio diante dos que não tinham acesso às excelentes casas de ensino da época.

De acordo com Fernando de Azevedo (1971), no Brasil, por volta do século XVI, eram os colégios dos jesuítas que predominavam, orientados pela *Ratio Studiorum*, que era o estatuto geral da Companhia de Jesus, promulgado em 1599; visava levar a fé católica e fazer com que as instituições de ensino tivessem uma formação uniforme a todos que frequentassem os colégios da Ordem Jesuítica em qualquer lugar. Anteriormente, as escolas brasileiras estavam mais próximas do antigo Colégio de Évora, em Portugal (1563), cujas disciplinas eram a Gramática, a Retórica e a Literatura, baseadas na língua e nos autores latinos. Foi com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, no Rio de Janeiro, que o ensino secundário preservou as disciplinas citadas, pois era uma instituição-modelo na qual os colégios de boa reputação deveriam espelhar-se, como o Abílio, no Rio de Janeiro, e o Colégio Caraça, em Minas Gerais.

A formação intelectual não visava à formação do desenvolvimento crítico, mas ao aprimoramento de uma prática imitativa de perguntas e respostas em que o cidadão era condicionado a decorar o que aprendia, pois o que importava era preparar os alunos para a vida em sociedade, e não para a vida do pensamento acompanhado de indagações.

A retórica ensinada e praticada nos colégios - local de iniciação dessa arte - fornecia o instrumental necessário para interpretar a realidade sob a ótica de um mundo fictício, porque estava fora da experiência pessoal dos alunos e de sua contemporaneidade. Esses eram treinados e precocemente condicionados para assimilar o valor da retórica como prática social. (ANDRADE, 2000, p.84).

Essa disciplina visava instruir o homem enquanto ser falante na sociedade política, militar, acadêmica e na divisão social, representada pelo bem falar, fato que promovia a separação entre os demais membros da sociedade, como a nobreza e os escravos.

Além da Retórica, era ensinada a Poética, que se preocupava em definir a poesia e suas regras de versificação diante da obediência à tradição grega dessas disciplinas. O

processo de definição e repetição era considerado ideal para os instrumentos pedagógicos que procuravam fazer com que os alunos fossem instruídos para não ofender a moral, e sim vivê-la dentro dos dogmas ensinados pelos professores, donos do saber, que transmitiam o conhecimento aos alunos, considerados “vazios”.

“O plano de estudos de Humanidades no Brasil deveria seguir o usado no Colégio das Artes de Coimbra, que, desde 1555, passara para as mãos dos jesuítas [...]” (BRANDÃO, 1988, p.47). Nesse programa, eram estudadas a Gramática e a Literatura, a Retórica e a Poética, que visavam aos exercícios de redação e de conversação. Além do mais, as crianças eram preparadas para o bom comportamento social e, às vezes, os discursos eram feitos em três línguas ensinadas nas escolas jesuíticas: o latim, o português e o tupi.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, o Brasil conservou esse modelo de ensino, que permaneceu durante todo o século XIX. No colégio-modelo Pedro II, os alunos elaboravam os seus textos em língua portuguesa e em latim, e, durante as festas da instituição, liam-nos diante do Imperador, como prática de interação social.

As pessoas que não liam e não tinham acesso a tal modelo de educação, ficavam encantadas ao ouvirem os discursos dos alunos preparados para falar diante das autoridades quando visitavam as casas de ensino.

Se, pois, a palavra é o mais belo privilégio, o mais belo e o maior dom que Deus nos poderia conceder depois da razão, todos vêem o quanto cada um deve interessar-se em cultivar esta palavra para ela ser fiel embaixadora da nossa alma, quer na manifestação dos nossos pedidos, dos nossos rogos, quer dos nossos sentimentos, quer enfim de tudo aquilo que dentro de nossa alma se passa: o que importa verdadeiramente falar e dizer bem. (BRANDÃO, 1988, p.52).

Foi nesse contexto social, educacional e religioso que se inseriu o Colégio Caraça, uma das mais antigas instituições de ensino secundário do século XIX, em Minas Gerais. E foi num ambiente como esse, tão castrador (o Colégio Abílio, no Rio), que Pompéia passou boa parte de sua vida.

2.1- O Colégio Caraça

Em 1774, o Irmão Lourenço fundou, na Serra do Caraça, a Ermida N.Sra Mãe dos Homens. Em 1806, esse religioso redigiu um testamento no qual deixava o santuário, como herança, ao rei D. João VI, que, após a sua morte, deveria doá-lo aos padres lazaristas, encarregados de transformá-lo num centro cultural e religioso na educação dos jovens.

Por volta de 1820, chegaram ao Brasil os padres Antônio Ferreira Viçoso, mais tarde bispo de Mariana, e Leandro Rebello P. e Castro. Ambos lazaristas, instalaram-se na Serra do Caraça e, segundo rezava o testamento, receberam a Ermida, em cujo entorno fundaram o célebre colégio que se tornou referência de ensino no séc. XIX e início do séc. XX (1912). Segundo um estudo feito sobre a origem do nome Caraça, de acordo com o Pe. Sarnellius:

A etimologia do nome Caraça deve ser procurada na língua guarani, onde tem a significação de *desfiladeiro*- “*cara*” e “*haça*” ou “*caaraçapaba*”. É a opinião do sábio Saint- Hilaire. Inventaram uma quarta interpretação, pueril esta, *Cara*, porque a cordilheira representa o rosto de um homem. E *aço*, por haver nela abundância de ferro. Feminizando *aço* e truncando *cara*, forma-se *Caraça*. (SARNELIUS, 2005, p.33).

Assim, o nome Caraça significa cara grande e “chama-se Caraça a serra, porque nela há um lugar que, visto de certa paragem, arremeda uma enorme fisionomia [...]” (SARNELIUS, 2005, p 31). Tamanha é a beleza do lugar, que é impossível explicar por meio das palavras a sensação de quando os padres chegaram ao local.

Há uma segunda explicação do nome Caraça. Chamam-no de *narição* ou *boqueirão*, de *beijudo*, ou orelhudo, de girafa ou tatu, de capivara ou lagartixa, conforme o defeito físico ou a semelhança zoológica que chegam a descobrir em sua vítima. Foi o que fizeram os habitantes de Brumal e Santa Bárbara que se encontravam, pela primeira vez, com o Irmão Lourenço- o recém- chegado à serra, o novato português na terra do Brasil. Tinha ele a cara grande, larga e cheia. Não lhe sabendo o verdadeiro nome, puseram-lhe a alcunha depreciativa e injuriosa de *Caraça*. “*Vamos ver o Caraça*”, isto é, “*o Irmão Lourenço*”. (SARNELIUS, 2005, p 33).

A casa era e ainda é uma construção simples e se parece com as edificações portuguesas da Beira Alta e Transmontana, que são maciças, em grandes blocos, pesadas, tudo de pedra: as paredes, as escadas exteriores e até as janelas e portas.



Foto tirada no local no dia 28/07/08. Antigo dormitório dos alunos, hoje Biblioteca.

Situado no município de Catas Altas, distante 120 Km de Belo Horizonte, entre os municípios de Barão de Cocais e Santa Bárbara, possui uma igreja que serve de acolhimento aos visitantes e um parque que hoje abriga o Parque Nacional do Caraça, na Serra do Espinhaço, tombado como Reserva Particular do Patrimônio Natural. Diz Nunes, a respeito da criação do colégio, que:

A partir da fundação da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, incorporou-se à igreja um patrimônio histórico e artístico de grande valor: a relíquia de São Pio e imagens barrocas. Depois da morte do Irmão Lourenço, o patrimônio continuou sendo alimentado pelos lazaristas, que introduziram um grande acervo de obras raras, pinturas e outros objetos relacionados a uma de suas principais atividades: a educação. Os lazaristas, pertencentes à Congregação da Missão, criaram em 1820, o Colégio do

Caraça, considerado um dos principais centros da educação do Estado de Minas Gerais, professando na mesma instituição o ensino laico e o eclesiástico. O Colégio foi equiparado ao Ginásio Nacional, entre 1901 e 1911. Por ele passaram personalidades de destaque na vida do País, como governadores, presidentes da República e bispos. (NUNES, 2008, p.26).

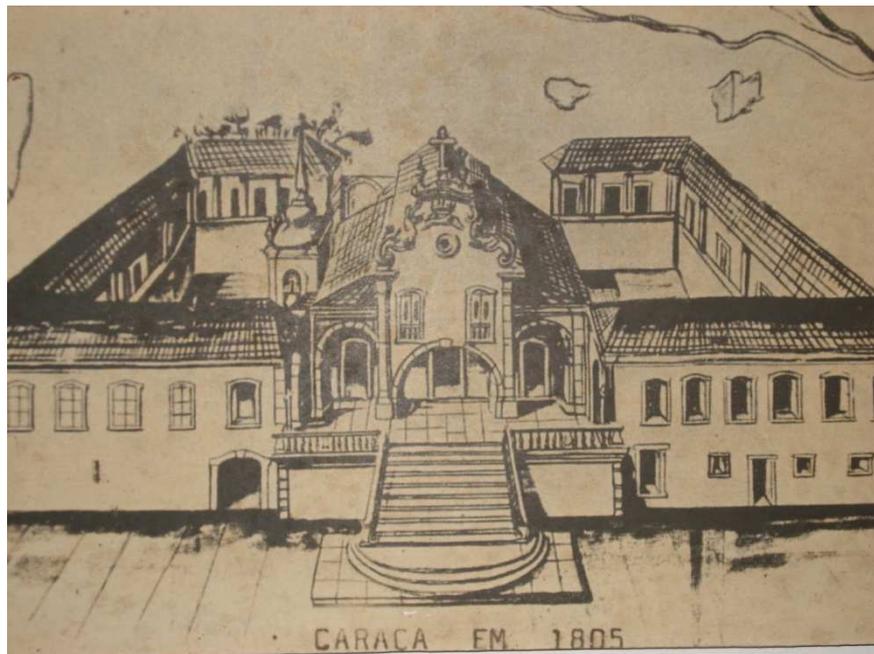


Figura 4⁴ - Caraça em 1805

O Caraça é considerado um edifício religioso; além de ser fundado por padres, destinava-se à formação de homens devotos e propícios ao isolamento, por isso havia uma severidade na formação dos seus alunos. Desligados do mundo e de todos, visto que o colégio se localizava e se localiza afastado, na Serra do Caraça, aos alunos era possível se conhecerem e terem a certeza de seguir a vida religiosa, ou se prepararem para ser verdadeiros homens públicos e excelentes pais de família: o modelo de homem que toda sociedade deveria ter.

O fundador Lourenço deve ter pensado nisso, porque a casa que edificou conta com todos esses recursos que a mãe-natureza oferece: água, ar, luz e sol. Lourenço ergue-a, antes de tudo, num lugar bem alto, no aclave de uma

⁴ O projeto original encontra-se atualmente no arquivo do Colégio Caraça, em aquarela de 1805, de autor desconhecido.

colina, com amplo domínio dos horizontes e, ao mesmo tempo, como uma atalaia, em posição de guarda e domínio das vastas áreas circunstantes. (CARRATO, 1970, p.1).

A abundância de fontes de água possibilitou ao irmão Lourenço construir o seu jardim e sua horta, além das belas parreiras que podem ser vistas e apreciadas nos dias de hoje no colégio, pois são uma das riquezas mais peregrinas da casa desde a segunda metade do século passado, cultivadas pelos lazaristas que serviam néctar divino de suas adegas aos visitantes, semelhante ao que ocorria durante as recepções às visitas em alguns mosteiros europeus da Idade Média. Isso continua a manter vivas na casa as suas tradições licoreiras. É de uma beleza incalculável esse ambiente que formou tantos homens importantes para a vida religiosa e para a história da política mineira e brasileira.

O conjunto paisagístico, artístico, histórico ou do patrimônio cultural do Caraça, com uma área de 11.232 hectares, tombado em 1955 pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), localiza-se no município mineiro de Catas Altas, na região que, no século passado, era conhecida por Mato Dentro de Minas-designação referente à extensa área de vegetação da Serra do Espinhaço. (ANDRADE, 2000, p.19).

Nesse lugar, Lourenço desejou que fosse construída a capela com valiosas relíquias, em seguida um eremitério e, por fim, o Colégio Caraça que, dirigido pelos padres da Congregação da Missão, por volta de 1820 a 1912, iniciou o seu trabalho, em média com quatorze alunos, sob a direção do padre Antônio Viçoso. “Território do sagrado, comunidade religiosa e exilada, a história do Caraça é, segundo essa perspectiva, a realização dos projetos e desígnios de seu fundador [...]” (ANDRADE, 2000, p.23): uma casa religiosa que prolonga a própria casa de Deus, por se localizar afastada e num lugar solitário. Os alunos que iam estudar neste estabelecimento, além de ficarem isolados de suas famílias, dedicavam maior parte do tempo em oração, no silêncio que o local propiciava.

Neste mesmo ano, 1820, recebe de D.João VI o título de Real Casa da Missão e, em 1824, do Imperador Pedro I, o de Imperial Casa. Esses títulos contribuíram para que a escola tivesse facilidade na isenção de impostos, mas a submissão ao estrangeiro causava polêmicas entre alguns membros da instituição, porque, basicamente, a Direção do colégio era de portugueses.

Como expressão de um certo nacionalismo que se formava, tais ataques traziam em seu bojo questões entre o Estado e a Igreja que, ao longo do Império, tendiam a enredar polêmicas crescentes. Mas é certo que havia uma reação aos padres do Caraça, considerados estrangeiros e “jesuítas”. (ANDRADE, 2000, p.24).

Nesse período, iniciaram-se as adversidades políticas que causaram problemas na vida do internato, culminando com uma queda no número de matrículas e o encerramento das atividades na casa, em 1842. As acusações que os padres sofriam da imprensa eram, entre outras, devido às isenções de dízimos e, à não definição do estabelecimento como público ou particular, uma vez que somente a elite tinha acesso a ele.

No caso do Colégio Caraça, parece - nos que a reação deve ser contextualizada num quadro político peculiar, compreensivamente lusófono. Apresenta-se uma questão paradoxal: a Província se ressentia da inexistência de colégios naquela época; no entanto, recaíam sobre os poucos existentes desconfianças e suspeitas de toda ordem. Possivelmente estaríamos, nesse caso, diante dos efeitos do forte anticlericanismo do tempo manifestado pela voz de certos grupos liberais que reagiam à hegemonia da Igreja, inclusive sobre a ação educativa formal. (ANDRADE, 2000, p.20).

Por volta de dez anos, o Colégio manteve suas portas fechadas, mas era sempre lembrado pelos pais que pediam a sua reabertura. Colégio modelo desde a sua fundação em 1820, exerceu um papel importante na formação de homens ilustres. Alguns foram os responsáveis por governar a sociedade; outros, homens comuns, lembram fatos até os dias de hoje com saudades do Caraça. Foi o que relatou o Padre Wilson Belloni, estudante do colégio quando era seminário, sendo hoje seu diretor. Segundo ele, nessa casa modelo de ensino, “nós aprendíamos muito, embora o rigor fosse intenso; o aluno passava por uma série de entrevistas para ser admitido, e as horas no colégio eram divididas em estudo, silêncio e oração”.

Mesmo com a existência de outros estabelecimentos de ensino, a casa era a preferida, inclusive pelos políticos da época. Seu funcionamento novamente, por volta de 1856, teve sucesso graças aos lazaristas juntamente com o seu aliado, o Presidente da Província, Pereira

de Vasconcelos, cuja família mantinha ligações com os padres. “Como fora reatada a ligação entre a Província Brasileira da Congregação da Missão e a sua *Maison-mère*, em 1845, obteve-se ajuda material e humana aprovada pelo Superior Geral dos lazaristas, padre Jean Baptiste Etienne [...]” (ANDRADE, 2000, p.29). Nesta época, o colégio renasceu com a sua ampliação devido à compra de terras.

Nesses primeiros anos de reabertura do Colégio era novamente Superior o padre Miguel Sípolis, um francês amante dos livros e das bibliotecas. Parte do valioso acervo de obras raras do Caraça foi adquirido por ele nesse período. O Superior seguinte, padre Júlio Clavelin, que a partir de 1867 dirigiu o Colégio por dezoito anos, é aquele que a crônica caracense mais enaltece, identificando a sua gestão como “a idade de ouro do Caraça.” (ANDRADE, 2000, p.30).

O Caraça viveu o seu apogeu tanto em melhorias físicas quanto no aumento do número de matrículas dos alunos. O seu prestígio diante da sociedade se dava pela sua excelência no ensino, concedida pelos lazaristas. Infelizmente, outra crise afetou a trajetória da Instituição, pois uma epidemia de beribéri voltou a causar queda nas matrículas, e o internato teve que permanecer fechado por alguns meses. Essa doença prolongou-se na história da casa, pois, desde 1859, quando a moléstia surgiu, somente foi possível erradicá-la em 1953. Durante todo esse tempo, os internos, funcionários e todos os que ali viviam tiveram que conviver com ela.

Não bastassem todas essas dificuldades enfrentadas, outro problema pelo qual o Colégio passou foi a carência de professores, exceto durante o período do padre Júlio Clavelin. “Em parte essa carência era determinada pelo fato de que a Congregação desenvolvia atividades missionárias, o que absorvia grande contingente dos congregados que lecionavam [...]” (ANDRADE, 2000, p.36). O Caraça passou por freqüentes crises, mas sempre em destaque ao lado de excelentes colégios, como o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

O internato, de ascendência européia, revelou a sua importância na educação nas terras mineiras, uma vez que a natureza do lugar propiciou o projeto educativo da casa, que sonhava com um lugar propício ao estudo do Humanismo, buscando o conhecimento individual do ser para que o jovem fosse preparado a enfrentar a vida em sociedade ou a vida religiosa.

O Colégio passou por três momentos em sua história: teve a fase do Caraça português (1820-1854), quando foi dirigido pelos lazaristas; o Caraça francês (1854-1903), cujos padres originavam-se da Congregação religiosa masculina católica fundada em Paris, em 1625, por São Vicente de Paula, que muito influenciou na formação dos alunos; e o Caraça brasileiro (1903-...), por localizar-se em terra brasileira e mineira, hoje dirigido pelo padre Wilson Belloni, que cuida de manter viva a memória do colégio por meio dos documentos textuais e fotográficos.

Os lazaristas tinham o objetivo do trabalho exclusivamente educacional, e, apesar de serem portugueses, declararam-se brasileiros devido à missão de formar cidadãos em terras do Brasil. Embora isso causasse diversas adversidades políticas entre portugueses e brasileiros, o Caraça sempre procurou manter viva a sua história. “Desde a promulgação do Ato Adicional (1834), o ensino primário e secundário passou a ficar a cargo das Assembléias Legislativas Provinciais, embora fiscalizado pelo governo [...]” (ANDRADE, 2000, p.74). Talvez com a fiscalização local do funcionamento do colégio, houvesse a possibilidade de se adequar melhor o projeto educacional dos missionários à realidade que viviam os alunos do Caraça. Mas o contrário ocorreu, devido à omissão do poder central em relação à educação popular e ao aumento do prestígio em relação à educação da elite.

Diversos importantes colégios foram criados no final do século XIX, como o Abílio, no Rio de Janeiro, pois aumentava a demanda das famílias abastadas em mandar seus filhos para os melhores internatos da época. O Caraça se constituía em uma escolha prestigiada pelos pais; no mínimo, como exemplo para a organização de outros estabelecimentos de ensino fora de Minas Gerais, como vimos.

No Colégio Caraça o mundo é representado pela invocação constante dos valores da continuidade, uma instância já posta, delimitada e hierarquizada. Para pertencer à sociedade, o aluno devia ser moldado por uma espécie de forma ideal, já que é, *a priori*, alguém incapaz, desprovido de vitalidade criativa. (ANDRADE, 2000, p.113).

Para serem educados, os alunos deveriam ser moldados dentro de uma disciplina rígida, moralista e de vigilância ininterrupta para a atuação em sociedade, levando em consideração a fase mais importante da vida: a infância, que é o período de formação do

sujeito, em que a criança encontra-se vazia, pura e preparada para receber os ensinamentos que a marcarão por toda a vida.

O mito da infância imprimiu marcas profundas no século passado- o mito do nosso século é o da adolescência. Mas, o exame das práticas educativas e disciplinares deve levar em conta algumas das alterações verificadas no que diz respeito ao sentimento com relação à infância. (ANDRADE, 2000, p.113).

2.2- Sobre o Código Disciplinar Caracense

Desde a sua fundação em 1820, o Colégio Caraça exerceu uma importante influência no ensino de Minas, devido à sua disciplina exemplar. Segundo Alceu de Amoroso Lima, o ensino no colégio é “admirável código de educação, um modelo de verdadeiro humanismo pedagógico, em que a autoridade harmoniosamente se combina com a personalidade e a suavidade [...]” (LIMA, 1946, p.124). A formação que os alunos recebiam não era apenas para a preparação da profissão que iriam seguir, mas para a vida. Muitos dos que estudaram no Caraça seguiam a vida eclesiástica, pois mais tarde essa casa de ensino também passou a ser seminário.

As disciplinas eram de base clássico-literária e de preparação para os futuros homens públicos, civis ou eclesiásticos. As aulas de Latim eram ministradas em Latim, a partir da literatura latina, da história e dos modelos estéticos dessa cultura. Valorizavam o estudo literário, moral, filosófico e as matérias do pensamento. “O internato institui um outro mundo, tanto no plano físico e material como na construção do universo educativo, assentado na idealização da Antiguidade e na assimilação do discurso consagrado [...]” (ANDRADE, 2000, p.83).

Quando o aluno era admitido no colégio, por um rigoroso processo de seleção, ele deveria deixar a sua vida cotidiana e enquadrar-se nos exemplos do mundo antigo, ou seja, nos modelos clássicos de educação, que visavam à formação moral da juventude. Por isso, o Latim era a matéria de predominância, porque era a língua nobre, do saber, dos eruditos, dos letrados. “Ensinava-se o latim não tanto para que fosse falado ou lido fluentemente, mas, sim, para enxertá-lo na língua vulgar, enobrecendo-a com citações e comentários. Seu uso constituía uma marca de distinção, tão cara ao século passado [...]” (ANDRADE, 2000, p.83).

Sem essa língua, não era possível concluir o curso preparatório para ingresso no Caraça e para introduzir no aluno o mundo da cultura. O rigor educacional era tanto que fez com que o colégio tivesse reputação de austeridade, de severidade, de rigorismo disciplinar, o que fez dele o terror da meninada: “menino, menino, te mando para o Caraça”; mas, com esse exemplo de educação, era uma das casas mais procuradas pelos pais de família que se preocupavam com a formação exemplar de seus filhos.

A prova de que o exagero estava por muito, nesta fama, é a grande freqüência de alunos nessa época que passa por ser a sua Idade Média. Trezentos e até quatrocentos aqui vinham, cada ano, de todas as partes, e todos eles guardam recordações gratas dos anos passados aqui, embora se lembrem ainda de um ou outro castigo que hoje taxam de rigoroso demais. (ZICO, 1979, p.136).

Em visita ao Caraça, pude ter a oportunidade de conversar com o diretor do Santuário, hoje, Padre Wilson Belloni, estudante da casa quando ainda era seminário. Ele disse que o rigor disciplinar era tão intenso, que o aluno desobediente às regras recebia castigo, e um dos mais severos era o do silêncio; ou seja, a criança não podia conversar com ninguém até mesmo no pátio e nos intervalos. Assim, era uma maneira de valorizar o aluno a pensar nos erros que havia cometido e nas regras descumpridas. Mas lá se aprendia e a educação era muito valorizada, tanto é que grandes homens da nossa sociedade passaram por lá, como Afonso Pena, Artur Bernardes, Melo Viana e outros. A severidade disciplinar parece hoje chocante, mas formou tantos caracenses e personalidades marcantes na história da pátria que, ao invés de afastá-los de seus mestres e da casa de ensino, prendeu-os com laço de amizade singular e eterna.

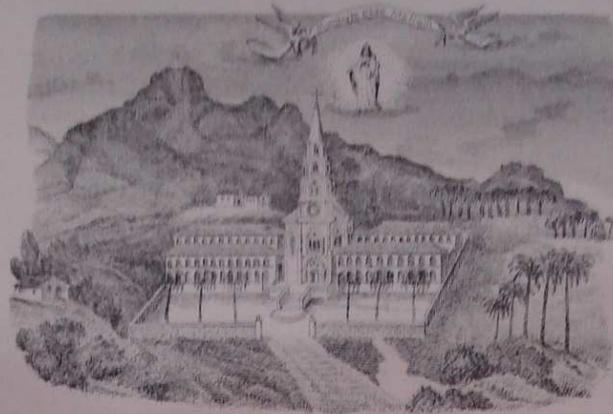
Atualmente, há pedagogos para os quais “difícil será entender como repreensões públicas, castigos, leituras de notas e de concursos, longe de criarem traumas nos alunos, os estimulavam a porfiar em comportamentos mais corretos e maior aplicação aos estudos [...]” (ZICO, 1979, p.137).

O dia-a-dia dos alunos era regulado por horários rígidos, ou seja: havia horas para o estudo, oração, descanso e alimentação; quando a criança não estava em repouso, colocava as lições apreendidas durante a aula em dia, pois o estudo individual deveria ser feito em silêncio. Estudavam nas mesas onde liam e escreviam, e qualquer comunicação era proibida, pois eram vigiados por um professor ou regente. As salas de aula do Caraça demonstravam a

ordem e a disciplina; às vezes o professor batia levemente a porta e, se algum aluno distraísse, afastando seu interesse do estudo, recebia o castigo, pois significava que não estava atento nos estudos.

As carteiras eram mesas para três ou até quatro alunos, com bancos. Tinham uma ligeira inclinação para facilitar a escrita e uma cavidade para o tinteiro, além do reguinho para caneta (geralmente de cabo de madeira com pena de ferro ou alumínio). As mesas dos alunos recebiam o nome de “estantes”, e as do professor, de “púlpito.” (ZICO, 1979, p.151).

No púlpito ficavam diversos materiais que o professor usava, como a régua, os compassos, as canetas, os livros e a indispensável palmatória, que era utilizada quando algum aluno fugia às regras. Todos deveriam obedecer à risca o mestre, pois era ele quem detinha o conhecimento a ser ensinado. “Ou, como pontificavam os superiores do Caraça, reavivando a tradição vicentina: a educação se faz mais pelos exemplos do que pelos conselhos [...]” (ANDRADE, 2000, p.92).



Initium Sapientie timor Domini. (Ps. 110.)

Ego Mater pulchre dilectionis, et agnitiois. (Eccli. 24.)

COLLEGIO DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS.
NA SERRA DO CARAÇA. MINAS GERAES.

ESTE COLLEGIO TEM POR FIM PREPARAR ALUMNOS PARA QUALQUER DAS ACADEMIAS DO IMPERIO E PARA O COMMERCIO.

§ I. Materias do ensino.

Doctrina Christã.	Geographia.	Arithmetica.
Lingua Portugueza.	Historia Sagrada.	Algebra.
— Latina.	— profana.	Geometria.
— Franceza.	Rhetorica.	Sciencias naturaes.
— Ingleza.	Philosophia.	Musica.

N. B. Alem do curso completo de preparatorios cujas disciplinas vão acima declaradas, existe no Collegio um curso mais elementar para os alumnos que se destinão á carreira commercial, estes cursão as aulas de :

Doctrina Christã.	Geographia.
Lingua Portugueza.	Historia Sagrada, et do Brazil.
— Franceza ou Ingleza.	Arithmetica, e contabilidade.

§ II. Condições de admissão.

- 1º Só se admittem alumnos de 8 até 17 annos de idade, sabendo ler e escrever : deverão trazer certidão de baptismo, attestado de haverem sido vaccinados, e não padecerem molestia alguma contagiosa.
- 2º A mezada do collegial é de 30\$ 000 por mez, pagos por trimestre adiantados. No acto da matricula pagarão 20\$ 000, e todos os annos 6\$ 000 para medico.
O mez principiado será pago por inteiro, seja qual for o motivo da auzencia do alumno. Havendo quatro irmãos no collegio, tres só pagarão as mezadas.
Não é obrigatorio o estudo da Musica, o alumno que cursar esta aula pagará em separado, a quantia de 2\$ 000 mensaes.
- 3º Todos os alumnos devem ter um correspondente para satisfazer ás mezadas, e mais despezas. A escolha dos Paes pode ser no Rio de Janeiro, em Ouro Preto, Marianna, Cattas-Altas, Santa Barbara, Prata, Sabará. Não será admittido estudante algum que não tenha correspondente certo n'um dos sobreditos lugares.
- 4º Os alumnos trarão para o collegio, colção, travesseiro, lençois, cobertor de lã: toda a roupa que lhes é necessaria, bacia de rosto e de banho, escovas, pentes etc. etc. e trajo collegial que se compõe de batina, cabeção e sobrepeliz.
A cargo do collegio fica a lavagem da roupa, mediante a quantia de 2\$ 000 por mez.

§ III. Disposições geraes de disciplina.

- 1º O Superior tomará todas as medidas e precauções para a boa ordem do collegio, e manutenção do regulamento, não consentindo sob qualquer pretexto a entrada de pessoas externas no interior do collegio ; sendo conscio de todo escripto ou carta, abrindo-a segundo a sua prudencia ; sendo examinado por elle mesmo tudo que haja de entrar ou sair do collegio, só consentindo nas horas de recreio as necessarias communicações externas.
- 2º Quando algum alumno se tornar incorrigivel, e que as admoestações e avisos forem baldados, o Superior avisará aos Paes para providenciarem, mas se a falta tornar-se de tal natureza que não admitta demora, o alumno será despedido do collegio, e enviado ao seu correspondente.
- 3º A entrada dos alumnos está marcada para o dia 1 de Outubro, não sendo admittido o estudante, que não se apresentar neste dia ; exceptuando-se os que vierem, ao collegio pela primeira vez.
- 4º As ferias serão de tres mezes, principiando a 30 de Junho acabando a 30 de Setembro. Não será permittida a hida dos estudantes para as ferias antes do dia 30 de Junho, a não ser por motivo de doença.

Figura 5⁵ - Matérias de ensino e Condições de admissão

⁵ Fonte: Arquivo do Colégio Caraça

Todos os alunos e as demais pessoas que freqüentavam a casa tinham que seguir à risca o funcionamento do código disciplinar elaborado pelo padre superior Leandro Rebello Peixoto e Castro, em 1831, e mantido até o período em que o colégio foi fechado, em 1912. Esse regulamento regeu os primeiros anos do Caraça, cujo objetivo era a obediência às normas do convívio social e do exemplo de homem cristão.

Segundo Mariza Guerra de Andrade (2000), em sua pesquisa sobre as normas disciplinares no arquivo da Casa Provincial da Congregação da Missão, no Rio de Janeiro, eis a análise do documento que explicava o comportamento do aluno no Caraça:

No tempo do recreio evitar-se-ão as disputas calorosas, as palavras descorteses e ofensivas, brinquedos de mão e qualquer coisa contra a boa educação e a caridade cristã. É proibido fumar, usar de cabeleiras bem como de perfumes. É proibido dar, vender, emprestar ou trocar coisa alguma com os companheiros ou com externos sem licença do Diretor. Cada um se aplicará com esmero ao estudo no tempo a esse dedicado, durante o qual não será permitido sair da sala, nem falar a um companheiro sem necessidade. No caso de ser necessário, pedir-se-á licença ao Regente. Guardarão profundo silêncio fora do tempo de recreio, especialmente no refeitório, dormitório e no estudo. (In ANDRADE, 2000, p.119).

A disciplina, segundo o Padre Leandro Rebello, era tão rigorosa, que o aluno, se não obedecesse às regras, recebia o castigo do silêncio e ficava impossibilitado de conversar com qualquer pessoa, como já foi dito. Caso a indisciplina fosse grave, o interno era convidado a se retirar da instituição; seus pais eram comunicados, e ele partia pela manhã, ao raiar do dia. Além do mais, os colegas, quando percebessem a ausência do amigo, não podiam perguntar por ele; caso contrário, recebiam castigo.

“Os frutos que se espalharam pelo Brasil afora atestam que o trabalho foi altamente positivo. Melhor ainda: a resposta são os homens que se formaram no Caraça. Muitos deixaram nome na história. Hoje ainda muitos continuam a escrevê-lo, dignidade e honradez [...]” (ZICO, 1979, p.135), como o caso dos presidentes Afonso Pena, Artur Bernardes e outros, que, longe de afastar-se dos ex-alunos, os prenderam com laços de amizade.

De fato, não se pode conceber a gloriosa história do Caraça, a influência de sua formação religiosa, cultural e moral sem a austeridade

disciplinar, como não se pode descrever a região, sem mencionar a aspereza das pedras em semicírculo, o isolamento e o silêncio que ainda hoje a tantos impressionam. A severidade disciplinar vem unida ao senso profundamente humano da autoridade executante, segundo o Regulamento. Severidade disciplinar, na prática, chocante ao paladar contemporâneo, mas que plasmou tantos caracteres e personalidades marcantes na história da pátria. (ZICO, 1979, p. 136).

A seguir, leiamos uma carta de um ex-aluno do Colégio; chamava-se Artur de Oliveira e era do Rio Grande do Sul. Retratou como era a vida no dia-a-dia na instituição, seus estudos, disciplina e rigidez que ali prevaleciam.

Tenho o mais vivo prazer em anunciar que cheguei ao Caraça, templo de estudos e da religião. Aqui fazem-se homens sábios e eleitos de Deus...Três meses depois, escrevia: “Quanto ao Colégio, estou cada vez mais satisfeito... Aqui é um foco de letras; basta ter a casa a biblioteca que tem, para dizer-se tal, quanto nela existem homens tais como o Pe. Sena Freitas, inteligência soberba, águia novel nos horizontes científicos, literato distintíssimo, e não tem mais de 24 anos... É lente de matemáticas o Pe. Chavanat (meu confessor), grande amante da língua portuguesa e mais valente na história da humanidade... O Pe. Bos pode-dizer que tem o dom das línguas; além de falar bem o português, italiano, espanhol e inglês, árabe e outras muitas línguas e dialetos, conhece em especial, a sua literatura, que é a francesa, e as demais, e é apaixonadíssimo pela filosofia... (In ZICO, 1979, p.65).

Hoje o Caraça está aberto para visitaçõ com sua bela natureza e arquitetura que encantam a todos. Um incêndio, contudo, na madrugada do dia 28/05/ 1968, destruiu o edifício do colégio. Não houve vítimas, mas dos 30 mil volumes da biblioteca só se salvaram uns 15 mil.

Por volta de 1970, o Caraça passou a ser um centro de peregrinação, incentivando a cultura e o turismo. Desde o início com Irmão Lourenço, que fundou e levou para lá a Imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens e o corpo de São Pio Mártir, como ainda a pintura do mestre Athaíde sobre a Santa Ceia, as principais atrações do internato; ainda hoje o lugar encanta pela sua religiosidade e beleza.

Imensas são as maravilhas da natureza, como o silêncio da noite, o céu estrelado e as culturas ali presentes nas raras obras, ainda possíveis de ser apreciadas na biblioteca aberta à visitação.

Essa casa de ensino formava os alunos segundo os rigores moral, religioso e de disciplina, e os que não seguiam eram levados de volta a seu lar, antes do amanhecer, sem que fossem percebidos pelos colegas.



Foto tirada no local no dia 28/07/08. Colégio Caraça

CAPÍTULO 3- O ATENEU, A RELÍQUIA, OS MAIAS E AS PREOCUPAÇÕES DE RAMALHO ORTIGÃO

A partir de uma realidade, o Colégio Abílio, Raul Pompéia idealizou sua obra, *O Ateneu*, por meio de suas memórias construídas nesse estabelecimento. O autor revelou a realidade verossímil, pois, segundo Mario Vargas Llosa (2004), “os romances sempre mentem, uma vez que todos oferecem uma visão falaciosa da vida”; ou seja, por meio de sua obra, Pompéia desejou demonstrar as suas “verdades ficcionais”: como era o funcionamento de uma “casa-modelo-de ensino” do século XIX, onde prevalecia a hipocrisia na sociedade colegial. Demonstrou a sua vingança pessoal contra o Colégio Abílio, onde foi estudar com seus dez anos de idade. De acordo com Artur de Almeida Torres (1973),

Com os seus “estigmas congênitos”, agravados pela educação que recebeu no lar paterno e pelas reações que sofreu no internato, numa fase perigosa em que se lhe desabrochava a puberdade com os seus problemas psicológicos desatendidos, Pompéia carregava n’alma um drama doloroso, embora nem sempre o demonstrasse em público. (TORRES, 1973, p.11).

Raul Pompéia nasceu em Jacuacanga, município de Angra dos Reis, em 12 de abril de 1863; desde sua infância, foi habituado a viver num claustro, levando uma vida anti-social cercada pela severa disciplina paterna, numa fazenda de cana-de-açúcar, propriedade dos avós maternos. Com a mudança de sua família para o Rio de Janeiro, em 1873, deixou o bucolismo da Côrte, ali internando-se. O colégio obedecia a um sistema pedagógico revolucionário do Dr. Abílio César Borges, barão de Macaúbas, que angariou prestígio e glória para o seu estabelecimento por várias décadas. Muito conhecido, o Sr. Abílio, professor de notável carreira pedagógica e autor de diversos livros didáticos, foi o diretor responsável pelas atividades educacionais no Colégio Abílio.

O menino passou por uma metamorfose, pois deixou para trás as reminiscências de uma infância despreocupada, na qual prevaleciam brincadeiras e fantasias dessa fase da vida, para iniciar um período de amarguras no colégio, onde conheceu a verdadeira realidade, contrária àquela que o Sr. Abílio mostrava à sociedade: um mundo falso, onde prevalecia a hipocrisia educacional, e não a preocupação em formar “homens” modelos; eram meninos centrados na ânsia sexual e no poder.

De acordo com Roberto Schwarz, em um ensaio crítico sobre *O Ateneu*, “O livro, pode-se dizer, é a memória adulta de uma experiência infantil vista por dentro. Os limites da visão, portanto, são ditados pela criança; só pode ser narrado ou comentado o que experimentou [...]”. (SCHWARZ, 1981, p.29).

Foi a partir de suas vivências no Colégio Abílio, que Pompéia iniciou a sua fase de escritor e compôs o seu romance *O Ateneu*, conforme explica Mario Vargas Llosa (2004), “não se escrevem romances para contar a vida, senão para transformá-la, acrescentando-lhe algo, de uma maneira menos crua ou explícita, e também menos consciente; todos os romances refazem a realidade, embelezando-a ou piorando-a [...]”. Assim, os enredos dos romances, ao contarem os fatos, sempre sofrem modificações de acordo com a realidade que representam, por meio das memórias arquitetadas via linguagem. Entre as palavras e os acontecimentos exteriores, surge a materialidade do romance.

Os romances têm princípios e fim e, mesmo nos mais informes e espasmódicos, a vida adota um sentido que podemos perceber, já que eles nos oferecem uma perspectiva que a vida verdadeira, na qual estamos imersos, sempre nos nega. Essa ordem é a invenção, um acréscimo do romancista, o simulador que aparenta recriar a vida, quando na verdade a retifica. Às vezes sutil, às vezes de maneira brutal, a ficção trai a vida, encapsulando-a numa trama de palavras, que a reduz de escala e a coloca ao alcance do leitor. (LLOSA, 2004, p.19).

Nesse sentido, *O Ateneu* revela as memórias de um tempo, a infância, na vida de Sérgio, durante a sua passagem pelo internato ficcional, pois, na realidade, o protagonista do romance contou a história de Raul Pompéia, durante os seus anos no Colégio Abílio:

Para quase todos os escritores, a memória é o ponto de partida da fantasia, o trampolim que impulsiona a imaginação em seu vôo imprevisível até a ficção. Recordações e invenções se misturam na literatura de criação, de maneira freqüentemente inextrincável dissolve no sonhado e vice-versa para o próprio autor, que sabe, mesmo que pretenda o contrário, que a recuperação do tempo perdido que a literatura pode realizar é sempre um simulacro, uma ficção em que o recordado se dissolve no sonhado e vice-versa. (LLOSA, 2004, p.23).

Escrito por Raul Pompéia em pleno desenvolvimento de sua intelectualidade, o romance revelou o vazio da falsa pedagogia e a verdade histórica sobre o colégio, por meio da recomposição do passado, em que os meninos do internato sofreram uma mutilação; nela empobreceram as suas existências, ou seja, ao invés de se tornarem homens dignos e de moral, ocorreu o contrário, pois aprenderam a lidar com a imoralidade que prevalecia. É o que a obra nos mostra.

Dessa maneira, ao tentar explicar a passagem da infância à puberdade, o escritor reviveu seus momentos no Colégio Abílio, e estabeleceu a relação entre a ficção e o real. Por isso, “é a ebulição guerreira do pensamento do escritor ao evocar aqueles deliciosos momentos em que os meninos, na lufa-lufa morosa dos dias, guerreavam com soldadinhos de chumbo, formando batalhões com dois generais austeros, que procuravam a vitória na batalha da vida [...]” (HEREDIA, 1979, p.12). No Colégio, estudaram meninos da elite em diferentes estágios de conhecimento, cuja formação tanto era humanística quanto científica: uma instrução que deveria formar o homem moral, religiosa e socialmente, visto que, durante a infância, a criança estava virgem para o conhecimento que perpetuaria por toda a sua vida. Por isso, era importante moldá-lo para a sociedade, já que ela seria a responsável pela perpetuação da vida nacional.

Na restauração de um colégio com internato, em que se desenrola e se concentra uma experiência nos limites da infância à puberdade, configura-se, por antecipação, um universo a ser delineado e destruído sob o compasso do adulto. Responsável pelo seu “arcabouço dramático”, Raul Pompéia contornou a preponderância da “denúncia” pedagógica e social. (CASTELLO, *Presença da Literatura Brasileira*, in Candido, 1995, p.34).

A educação, nessa época, era considerada como o princípio familiar mais importante para a formação dos jovens no ensino brasileiro. O sonho das famílias ricas e tradicionais que mandavam seus filhos estudar nos colégios-modelos, como os citados neste trabalho, almejava obter uma formação exemplar para os meninos.

O efeito, contudo, é aquele visado por Abílio e pelos educadores de seu tempo: o exercício da autoridade conduz à aprendizagem da obediência. A sociedade é hierarquizada, e os subalternos devem aceitar a ordem e a primazia dos superiores; por causa disso, a escola adota a mesma organização, podendo apresentar-se como um microcosmo que prepara a

criança e o adolescente para enfrentar a vida fora de seus muros (ZILBERMAN, *Um assunto entre Pompéia e Abílio*, in Remate de Males, 1995, p.82).

Nos colégios, distantes dos lares, os meninos tinham que se adaptar às regras impostas, pois as escolas eram as substitutas de suas casas e, ao mesmo tempo, responsáveis pela formação de futuros homens; por isso eram severas em seus ensinamentos. Segundo o diretor do internato, Dr. Abílio, “o colégio, meus amigos, é um mundozinho: é, a muitos respeitos, uma miniatura da grande sociedade, em que tereis de viver, ficardes homens [...]” (ZILBERMAN, Regina, *Um assunto entre Pompéia e Abílio*, in Remate de Males, 1995, p.82). Eram os internatos que, efetivamente, preparavam os jovens para enfrentar o mundo, mas foi contra esse universo que Pompéia lutou durante anos, e o descreveu em sua obra *O Ateneu*.

“Ora, sabemos hoje que o artista se projeta inteiro em sua obra, nela jogando inconscientemente os seus conflitos interiores, os seus problemas mais íntimos e os impulsos recalcados durante toda a sua caminhada pela vida, a começar pelo próprio berço [...]” (TORRES, 1973, p.9). Foram essas lembranças que fizeram com que o autor reproduzisse no seu romance ficcional o que sentiu como aluno.

A passagem pelo *Colégio Abílio* despertaria nele, polemista prematuro, o caráter combativo, o homem feito de desconfianças, suspeitas infundadas e atitudes prevenidas, que a idade madura acentuou com nitidez. No *Colégio Abílio* redigiu e desenhou um jornaleco manuscrito, onde se criticavam os professores e os bedéis, de modo cruel. (PONTES, 1935, p.25).

Foi com o jornal *O Archote* que Pompéia expôs a sua revolta contra o internato e que também iniciou a sua brilhantíssima carreira de escritor. Era inquieto diante das questões sociais que o rodeavam e tomava partido diante de todos.

O problema de Raul Pompéia era conquistar o título de bacharel, para satisfazer os caprichos paternos. O ano fora lhe propício. Pelo caderno de notas íntimas, que conhecemos, pode-se concluir que o *Atheneu* vinha sendo arquitetado em Recife. Nesse caderno anotara as idéias, que deveria associar, mais tarde, no romance. Aí se encontram também pensamentos,

aforismas e pequenos lances da prosa, que poderão formar um volume cheio de curiosidade. (PONTES, 1935, p.176).

No mundo do Ateneu, a moralidade e a rigidez eram usadas para solucionar qualquer problema, seja de comportamento ou de estudos, que surgisse na instituição.

Aristarco fazia aparições, de súbito, a qualquer das portas, nos momentos em que menos se podia contar com ele. Levava as aparições às aulas, surpreendendo os professores e discípulos. Por meio deste processo de vigilância de inopinados, mantinha no estabelecimento por toda a parte o risco perpétuo do flagrante, como uma atmosfera de susto. Fazia mais com isso que a espionagem de todos os bedéis. (PONTES, 1935, p.195).

Obcecado pelo poder e o dinheiro, o diretor, por meio de propagandas, fez de seu colégio a “casa-modelo-de-ensino” na formação de meninos, cujos pais sonhavam com uma educação perfeita para seus filhos. Infelizmente, o contrário ocorria, pois o colégio era dirigido por Aristarco, que se preocupava em usar o seu poder para obter vantagens pessoais e não para formar cidadãos que fossem distribuir o conhecimento e a justiça na sociedade. Nesse sentido, podemos afirmar que

... os romances mentem- não podem fazer outra coisa- porém essa é só uma parte da história. A outra é que, mentindo, expressam uma curiosa verdade, que somente pode se expressar escondida, disfarçada do que não é. Dito assim, parece um galimatias. Mas, na realidade, trata-se de algo muito sensível. Os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos- ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros- gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar- trapaceiramente- esse apetite, surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito. (LLOSA, 2004, p.16).

Por isso, Sérgio, cansado de tanta hipocrisia, revela o mundo falso que era a casa modelo de ensino, pois, apesar de apresentar diante da sociedade tanta rigidez, o que apresentou se na realidade um mundo corrupto, onde a crueldade e o ódio refletiam-se diretamente no relacionamento desumano que ali reinava. O caráter mais imoral era o de

Aristarco, que, obsessivamente preocupado com o comportamento moral de seus alunos, revelava sua desonestidade quando se tratava de seus lucros. O colégio era um mundo de dinheiro, em que a educação estava em segundo plano.

A revolta de Sérgio tem origem com a figura desse déspota: parecia, diante dos pais, um respeitável mestre, mas era o responsável pelo sofrimento dos meninos, vivendo nesse ambiente insuportável. “O internato lhe causara danos morais, provocando reações, influenciando de modo lastimável no seu espírito, acessível às mais rudes emoções [...]”. (PONTES, 1935, p.25).

Foi interessante observar que, enquanto criança, Pompéia estava aberto ao conhecimento, por isso seu pai o enviara para um internato com as regras rígidas que ditavam qual deveria ser a formação dos meninos; quando adolescente e estudante do internato, ele iniciou sua revolta cheia de ressentimento que o colégio lhe causou; já quando adulto, resolveu relatar na sua narrativa o desencanto diante da vida que a casa de ensino lhe causara.

O período até os onze anos de idade fica em segundo plano e o início da história pela chegada ao colégio vale como uma cortina divisória que ele faz correr sobre seu passado mais remoto. A adolescência dominará as lembranças e as projeções do inconsciente infantil ficarão nítidas, o diretor em lugar do pai. (SACHS, Sonia, *O Ateneu e a projeção romanesca do romance familiar*, in Remate de Males, 1995, p.62.).

Tanto o pai quanto o diretor do colégio educavam seus filhos com severidade, porque essa era a maneira correta pela qual as crianças do século XIX eram educadas e instruídas. A partir da análise desse romance, foi possível estabelecer uma comparação entre os modelos de educação do século XIX no Brasil entre *O Ateneu* e, dois romances de Eça de Queiroz, que trataram também parcialmente de um processo educacional histórico: conflitos pessoais e sociais vividos por Carlos Eduardo e Teodorico, personagens de *Os Maias* e de *A Relíquia*, respectivamente.

Ambos os romances revelaram a decadência de uma pequena sociedade, a família, destruída por uma educação tão severa, que de nada valeu na formação das personagens; tornariam se incapazes de não se render a dois prazeres: o dinheiro e o amor. É disso que iremos continuar a exemplificar no trabalho: a importância da educação na vida das personagens tanto nos romances quanto na realidade no Colégio Caraça.

3.1- Ramalho Ortigão: a sua obsessão desde *As Farpas* até as considerações a respeito da educação de suas filhas e do neto.

Homem que se preocupava com a educação de sua família, Ramalho Ortigão, segundo *As Farpas* e *Cartas a Emília*, revelou a importância do pai de família e do homem, para a sociedade. Por isso, era preciso que as crianças fossem educadas com rigor e método; os meninos seriam no futuro os chefes da família e da civilização; as meninas por um lado seriam educadas a fim de se tornarem as esposas ideais, de acordo com os ensinamentos religiosos e morais.

“A troca de cartas entre marido e mulher- que possibilitará talvez um conhecimento mais completo do homem enquanto indivíduo pertencente a um grupo e a uma sociedade, pessoa civil [...]” (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p.7) propicia-nos ter acesso a textos que contribuíram para nos mostrar o valor e a importância da educação na vida do indivíduo, para o seu desenvolvimento. “As cartas para Emília são afinal para toda a família, família que se reúne à noite para ouvir as novas do ausente. É ela, a família, precipuamente, o destinatário real desta correspondência [...]” (Op. cit, 1993, p.9); a família era a base para a formação do ser humano, capaz de conviver em sociedade. “A leitura das cartas de Ramalho Ortigão a Emília permite-nos perceber a importância do pai de família no círculo doméstico [...]” (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p.10). O pai era o responsável pela base da educação de seus filhos; em seguida as crianças eram enviadas a colégios exemplares que tinham por finalidade moldar meninos segundo ensinamentos rigorosos, baseados na religiosidade moralista.

“Com efeito desde *As Farpas* preocupou-se Ramalho- e os de sua geração com o problema educacional. Provavelmente sob influência francesa, em especial de Michelet, a educação no país fez-se uma questão importantíssima [...]” (Op. cit., 1993, p.11). Sim, somente por meio de um povo educado e intelectualmente desenvolvido seria possível construir uma nova sociedade, por isso a importância de uma educação exemplar para as crianças.

Paralelo semelhante deve ser traçado com outras personagens: a preocupação real de Ortigão é n’*Os Maias*. Afonso da Maia, tinha-se sentido desiludido com a educação de seu filho Pedro, pois não conseguira dar-lhe o que desejava: o ensinamento perfeito; assim, pelo menos a de seus netos devesse ser diferente.

Preciso é consignar, no entanto, que já na velhice se sentia desiludido com o que nessa área pudera realizar dentro da família. Após ter tido a oportunidade de conviver um pouco mais com Maria, a primogênita de Eça de Queiroz- para citar um caso- e fazendo um confronto entre a sua educação e a dos filhos, conclui um pouco melancolicamente: não conseguiria, em relação aos filhos, dar-lhes a educação que almejava. (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p.11).

Ramalho Ortigão demonstrou intensa preocupação e uma imensa tristeza com a educação de seus filhos, mas os ensinamentos a serem ministrados a seus netos inquietavam-no ainda mais. Afinal, seus filhos é que deveriam educá-los, uma vez que eram os responsáveis pela nova família. Por isso, Ramalho refletia se a instrução dada a seus descendentes fora perfeita.

Outra preocupação permanente de Ramalho, que reiteradamente comparece nesta correspondência, está relacionada com a saúde, a sua e a dos netos. Diria que é uma decorrência de sua maneira de ver a educação. Atento ao desenvolvimento quer do espírito quer do corpo, insiste especialmente Ramalho na necessidade de se cuidar do físico, privilegiando por isso a ginástica e os jogos atléticos. (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p.12).

Podemos comparar na realidade, a educação dos filhos de Ramalho, com a de Carlos da Maia, na ficção, pois, em ambas as situações, buscou-se valorizar a perfeição moral, social, intelectual, espiritual e a saúde de acordo com esta passagem do romance: “Toda a educação sensata consiste nisto: criar a saúde, a força e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo duma grande superioridade física [...]” (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in Obra Completa, 1º vol, 2000, p.47). Era preciso que as crianças tivessem uma boa saúde para que pudessem aprender as lições, que lhes eram ensinadas e, como conseqüência, desenvolveriam o espírito e se tornariam adultos exemplares dentro dos padrões rígidos dos ensinamentos ministrados. Nesse sentido, houve uma valorização da educação, que preparava o indivíduo para a vida, desde que seu corpo e seu espírito fossem fortalecidos. Por isso, tanto o escritor Ramalho quanto a personagem Afonso da Maia deram importância à formação inglesa, mais desenvolvida do que a tradicional portuguesa.

Tenho-me habituado a este uso muito inglês desde que ouvi essa lição e dou-me muito bem com o remédio. Também por influência inglesa, passa a tomar o citrato inglês de litina em cápsulas Wellcome. E assim por diante. Rara a carta à mulher onde não estão presentes conselhos equivalentes, quase sempre dentro de uma proposta de medicina natural, com forte influência inglesa. (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p.12).

A tradicional educação portuguesa desvalorizava a criatividade e não se preocupava com o contato do indivíduo com a natureza, ao contrário da inglesa; assim, os exemplos citados mostram a preocupação dos avós, na realidade e na ficção, com a educação de seus netos, para que fossem diferentes da de seus filhos. Afinal, ambos lutavam por netos críticos e saudáveis, já que os responsáveis pelos primeiros ensinamentos eram, na família, os membros masculinos.

Assim, os meninos, ainda crianças, eram enviados aos mais notáveis colégios, no caso do Brasil, o Caraça. Para que pudessem tornar-se na família, os chefes da sociedade; ou em certos casos deveriam seguir a carreira eclesiástica. Em relação às mulheres, deveriam obedecer a seus maridos a fim de auxiliar na formação dos seus filhos, como por exemplo, Emília, esposa de Ramalho, que auxiliaria o marido nessa função.

Emília não é diferente das demais esposas de seu tempo. À la Michelet, o marido é em relação a ela uma espécie de tutor, sempre disposto a orientá-la e ampará-la, já que não tem condições de ter completa autonomia. É uma menor. Na verdade, as cartas de Emília ainda existentes, as que por exemplo escreveu à filha Bertha, espelham bem essa situação de dependência. Ao procurar convencer a filha- é um exemplo- a ir visitar Eça de Queiroz em Londres, por ser tão amigo de seu pai, Emília apela seguidamente para a autoridade paterna. *Papá*, com efeito é, na citada carta, a palavra mais usada: Parece impossível que tu não fosses visitar, sendo o José Maria, o mais íntimo amigo do Papá, que te conhece de pequena! Também me diz o papá que não foram em Paris nem aos Valbons nem às Farias!! (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p. 13).

Cabe ao esposo ainda a educação da sua esposa e dos demais membros da família. Ramalho se preocupava com todos e com tudo a seu redor, dava importância aos detalhes que influenciavam a vida que ele ia aos poucos edificando.

“Ramalho emite sua opinião a respeito do Porto objetivando a educação de Emília: considera ele ser este o papel do marido: um bom conselheiro e educador, procurando ensinar à esposa a maneira própria de vestir-se, comportar-se e agir [...]” (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p.57).

Ele foi um homem que se preocupou não só com a formação de sua esposa, de seus filhos como com a de seus netos, embora sentisse que não conseguia educar os últimos, devido à sua idade avançada; mesmo assim, sentia que sua responsabilidade em relação à formação deles. É o que se pode observar neste trecho da carta de Ramalho a respeito da educação de seu neto.

José Duarte tem o nome do avô. É o primogênito de Vasco (Jeco, para a família)... Enquanto os pais viajavam para Paris com a avó Emília, José Duarte e sua irmã ficaram em Lisboa, sob os cuidados dos tios Bertha e Antônio... No primeiro ou segundo dia depois da vossa partida bateu na irmã e deu uma dentada na mão de Isabelinha. Nem Bertha nem Antônio o castigaram por coisa nenhuma do mundo, e ele estava a ponto de se declarar absoluto, quando eu o chamei a sós lhe fiz um sermão, dizendo-lhe que o seu procedimento com a mana e com as primas era indigno, e que se ele tornasse a abusar da sua força de varão para maltratar as meninas, eu em nome do seu pai o corrigiria aplicando-lhe açoites com uma corda. Ele corou muito e deu beijos de reconciliação à mana, às primas e a mim. Esta repreensão, que ninguém mais presenciou foi miraculosa! Nunca mais bateu em ninguém nem em Lisboa nem em Sintra, e quando tem alguma teima ou birra, basta que se lhe fale na *corda do avô* para que imediatamente mude de rumo. Além de esperto é muito bom pequeno e todos gostam muito dele. (BERRINI, Beatriz, *Cartas a Emília*, in Ortigão, 1993, p.146).

3.2- A Relíquia: Teodorico e o Colégio dos Isidoros

Teodorico, sobrinho da Sr.^a Patrocínio fez de tudo para herdar os bens de sua tia, por meio de um comportamento hipócrita. Embora tivesse sido educado durante a infância no Colégio dos Isidoros, “apenas completei nove anos –diz ele– a titi mandou-me fazer camisas,

um fato de pano preto, e colocou-me, como interno, no colégio dos Isidoros, então em Santa Isabel [...]” (QUEIROZ, Eça, *A Relíquia*, 1997, p.20). Parece-nos que a educação ali recebida não transformou seu caráter; aliás, ratificou seus aspectos negativos.

Nesse romance de Eça de Queiroz, a personagem se tornou um hipócrita, pois somente desejava os bens de sua tia e a religião não tinha importância para ele. Teodorico estava a serviço de seus interesses. “-Tu lá nos teus estudos costumavas fazer o teu terço? – perguntaram-me, com secura a titi. E eu, sorrindo abjetamente: - Ora essa! É que nem posso adormecer sem ter rezado o meu rico terço! [...]”. (QUEIROZ, Eça, *A Relíquia*, 1997, p.23).

Teodorico submete-se aparentemente aos ensinamentos beatos da senhora Patrocínio e da Igreja: “- E quando passar pelo oratório, onde está a luz e a cortina verde, ajoelhe, faça o sinalzinho da cruz [...]” (QUEIROZ, Eça, *A Relíquia*, 1997, p.19). Podemos observar a semelhança entre a educação de Teodorico, em *A Relíquia*, e a de Pedro, em *Os Maias*: ambos viviam submissos à instrução católica, porém o primeiro transformou-se num hipócrita, e o segundo, num fraco.

Vale observar que, nos romances, a educação moralista e religiosa de nada valeu para a formação de homens exemplares; ao contrário, transformaram-nos em seres que não pareciam ter tido nenhuma instrução.

Essa sede de prazer, essa sensualidade tão marcada, contrabalançam o exagero e a insistência da tia Patrocínio em relação à impureza, aos pecados contra a castidade. Não pode ela sequer ouvir falar em filhos, em relações entre um homem e uma mulher. Tudo lhe cheira a porcaria. Por outro lado, tudo quanto possui, mesmo remotamente, alguma relação com a Igreja, parece-lhe abençoado. Assim, as cartas de doutor de Teodorico, trazidas de Coimbra, são examinadas com reverência por serem escritas em latim, com paramentosas fitas vermelhas e o selo dentro do seu relicário. Por isso mesmo, sufocado em tal ambiente, Teodorico irá atrás de saias e expressar-se-á em linguagem vulgar, ou seja, aproximar-se-á de tudo quanto lhe parece ser anti-D. Patrocínio. (BERRINI, 1982, p. 208).

Teodorico era boêmio e gostava das mulheres. Quando sua farsa foi revelada diante de todos e de sua tia, o rapaz, já formado em Coimbra, e tendo viajado para a Palestina, pareceu não sentir qualquer arrependimento por ter-se envolvido com uma prostituta em viagem à Terra Santa; pareceu sentir, entretanto, não ter prosseguido com suas mentiras a fim de poder conseguir o dinheiro que tanto desejava. O jovem revela portanto o cinismo, a farsa,

a fim de herdar toda a fortuna da titi; não estava interessado nos ensinamentos ministrados para a sua formação, mas sim em obter vantagens e levar a vida de regalias de que tanto gostava.

3.3 - Carlos da Maia e Eusebiozinho

Educado segundo os ensinamentos ingleses, Carlos Eduardo, o neto de Afonso da Maia, sempre teve uma educação exemplar, na qual o rigor, a valorização de sua criatividade, a aprendizagem de línguas vivas, como o inglês, fizeram desse menino o médico despreocupado em trabalhar não para sobreviver, mas por gosto.

Filho de Pedro da Maia e Maria Monforte, não teve contato com os seus pais, exceto quando era muito pequeno. Abandonado por sua mãe, que fugira com outro homem, seu pai, Pedro, não suportou a traição de sua amada e se suicidou com um tiro. A partir daí, Carlos passou a ser educado sob os cuidados de seu avô, Sr. Afonso da Maia, um homem preocupado com a educação de seu neto, assim como fora com a de seu filho Pedro. Este tinha sido educado sob os preceitos católicos de sua mãe e com normas rígidas religiosas.

Às vezes Afonso, indignado, vinha ao quarto, interrompia a doutrina, agarrava a mão do Pedrinho para o levar, correr com ele sob as árvores do Tâmis, dissipar-lhe na grande luz do rio o pesadume crasso da cartilha. Mas a mamã acudia de dentro, em terror, a abafá-lo numa grande manta; depois lá fora o menino, acostumado ao colo das criadas e aos recantos estofados, tinha medo do vento e das árvores; e pouco a pouco, num passo desconsolado, os dois iam piando em silêncio as folhas secas- o filho todo acovardado das sombras do bosque vivo, o pai vergando os ombros, pensativo, triste daquela fraqueza do filho... (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.16).

Pedro cresceu como um homem religioso, mas fraco diante da vida. Não se interessava pelos livros, era indiferente quanto às brincadeiras de sua infância; não tinha a força da raça dos Maias. Sua única paixão era por sua mãe, que, quando morreu, deixou o menino na mais profunda melancolia. Essa tristeza foi sanada quando o jovem conheceu Maria Monforte: foi dominado por uma paixão avassaladora; ela, no entanto, o abandonou e fugiu com outro

homem; levando a filha Maria Eduarda e deixando para trás o filho, Carlos Eduardo. Tamanha foi a tristeza, que, dessa vez, Pedro não suportou a dor e se matou.

Diante de tanta tragédia, o Sr. Afonso partiu para Benfica com os criados e o neto dirigindo-se à quinta de Santa Olávia, onde pretendia dar uma boa educação à criança, diferente da de seu filho; ensinamentos voltados para a educação ministrada na Inglaterra, que fizesse de Carlos o homem forte. Assim, entrega seu neto aos cuidados do Sr. Brown, o inglês responsável por educar o menino. “O Brown é uma boa pessoa, calado, asseado, excelente músico [...]” (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.43). O Afonso da Maia desejava dar uma educação diferente para Carlos, que valorizasse o rigor, o método e a ordem, levando-o à criatividade e ao juízo crítico, ao contrário de seu filho Pedro; este tivera uma educação severa quanto aos preceitos religiosos, o que dele fez um “fraco”; ou seja, um homem submisso, que não questionava a respeito dos problemas da vida, submetendo em tudo às regras da Santa Igreja.

Pedro amou tanto a sua mãe quanto a sua esposa e, infelizmente, apesar da educação religiosa, perdeu seus “grandes” amores e teve um fim trágico. Por esse motivo, Afonso da Maia desejou uma formação contrária à de seu filho para o neto Carlos.

O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são, e ser forte. Toda a educação sensata consiste nisto: criar a saúde, a força e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo duma grande superioridade física. Tal qual como se não tivesse alma. A alma vem depois.... A alma é outro luxo. É um luxo de gente grande... (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.46).

A partir daí, o Sr Brown foi o preceptor do menino; julgava que primeiramente o homem deveria ser forte, para depois aceitar os preceitos religiosos: “deveria haver felicidade e bom comportamento na vida sem a moral do catecismo” (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.49). Para o Afonso, “carolice” era sinal de fraqueza, de atraso; conseqüentemente, desejava uma educação à inglesa, em que se desenvolvia a inteligência graças ao conhecimento experimental, ou seja: era preciso o contato direto com a natureza. A valorização da língua viva da época, o inglês, era o caminho para isso, visto que os ensinamentos eram rígidos e metódicos, como no exemplo desta passagem do romance:

-Ainda é muito cedo, Brown, hoje é festa, não vou me deitar!

Então Afonso da Maia, que se não movera aos uivos lancinantes do Silveirinha, disse de dentro, da mesa do voltarete, com severidade:

-Carlos, tenha a bondade de marchar já para a cama.

-Ó vovô, é festa, que está cá o Vilaça!

Afonso da Maia pousou as cartas, atravessou a sala sem uma palavra, agarrou o rapaz pelo braço, e arrastou-o pelo corredor-- enquanto ele, de calcanhares fincados no assoalho, resistia, protestando com desespero:

-É festa, vovô... É uma maldade!... O Vilaça pode se escandalizar...
Ó vovô, eu não tenho sono!

Uma porta fechando-se abafou-lhe o clamor. As senhoras censuraram logo aquela rigidez: aí estava uma coisa incompreensível; o avô deixava-lhe fazer todos os horrores, e recusava-lhe então um bocadinho da *soirée*...

-Ó Sr. Afonso da Maia, por que não deixou estar a criança?

-É necessário método, é necessário método-- balbuciou ele, entrando, todo pálido do seu rigor.

E à mesa do voltarete, apanhando as cartas com as mãos trêmulas, repetia ainda:

-É necessário método. Crianças à noite dormem. (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.54).

Ao contrário do amigo Carlos, o Eusebiozinho recebeu uma educação à portuguesa, pois valorizava o recurso da memória e não o da compreensão; utilizava as cartilhas para que pudesse decorar os ensinamentos baseados nos preceitos católicos e retrógrados.

--Ó filho, dize tu aqui ao Sr. Vilaça aqueles lindos versos que sabes... Não sejas atado, anda!... Vá. Eusébio, filho sê bonito...

Mas o menino, molengão e tristonho, não se descolava das saias da titi; teve ela de o pôr de pé, ampará-lo, para que o tenro prodígio não aluísse sobre as perninhas flácidas; e a mamã prometeu-lhe que, se dissesse os versinhos, dormia essa noite com ela... (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.55).

A formação de Eusebiozinho preocupava o Afonso da Maia, pois era semelhante àquela que fora dada a Pedro, que o transformara num fraco; ele foi incapaz de resolver os

seus problemas no casamento e a sua relação de amor exagerado por sua mãe. Por isso, a educação de Carlos deveria ser diferente. “O Eusebiozinho?- Disse Afonso, que se acomodava junto ao fogão, enchendo alegremente o cachimbo. – Eu tremo de o ver cá, Vilaça! [...]” (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.56). Aquela educação desvalorizava a consciência crítica, submetia o sujeito à decadência física e moral, deformava o ser humano condenando-o à subordinação e às chantagens que enfrentava ao decorar as lições, sem entendê-las.

As personagens, entretanto, estão impregnadas de uma cultura católica, bebida na infância, no meio familiar em que tinham sido criadas ou, inclusive, no ambiente universitário, ainda sob forte influência clerical. Assim, o discurso de cada uma está saturado de palavras, exemplos, citações, figuras, etc, extraídas da religião. (BERRINI, 1982, p.225).

Vejamos este versinho recitado por Eusebiozinho, demonstrando como eram decoradas as lições que aprendia:

É noite, o astro saudoso
Rompe a custo um plúmbeo céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, úmido véu...

(QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.55)

Segundo Ramalho Ortigão, (1993, p.53), “o hábito de andar só e por sua conta desde pequeno tornava o indivíduo apto para entrar em uma escola superior, sujeito ao rigor do serviço militar e obrigado a certas responsabilidades de procedimento e de conduta [...]”. Assim, a independência, orientada pela educação, era tão importante, que seria a responsável pelas transformações de qualquer país.

Há ou não semelhança de Carlos e a dos alunos do Colégio Caraça? Quanto ao rigor, é possível aproximar as duas formas de educação. Quanto ao aspecto religioso, nada sabemos em relação a Carlos. Em relação a Teodorico no romance *A Relíquia*; percebemos que o Pe. Custódio era quem ensinava a religião, no Colégio dos Isidoros; quanto a Eusebiozinho, podemos observar também a importância da educação moral e religiosa, Teodorico, como

Eusebiozinho não se tornou um homem útil para a sociedade, como a seguir será analisado. Ao contrário, o primeiro transformou-se em um hipócrita e o segundo num fraco como Pedro, em *Os Maias*: ambos falharam por causa da educação errada que receberam. Afonso da Maia temia que o mesmo aconteceria com o seu neto Carlos, já que o destino fora o responsável pela formação de Pedro que teve um fim trágico. Afonso da Maia desejava tornar Carlos, um homem útil à sociedade.

“Carlos ia formar-se em Medicina. E como dizia o Dr. Trigueiros, houvera sempre naquele menino, realmente, uma vocação para Esculápio [...]” (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.62). O sonho de seu avô começara a ser realizado, uma educação que tornava um jovem importante para a sociedade. Se os amigos achavam que era uma tolice Carlos estudar medicina, o avô se expressa dessa maneira:

–Ora essa! Exclamou Afonso. – E por que há de ser médico a sério? Se escolhe uma profissão é para a exercer com sinceridade e com ambição, como os outros. Eu não o educo para vadio, muito menos para amator; educo-o para ser útil ao seu país. (QUEIROZ, Eça, *Os Maias*, in *Obra Completa*, 1^o vol, 2000, p.63).

O menino, aos poucos, ia realizando os sonhos do avô, que lhe proporcionara uma posição importante na sociedade, mas, infelizmente, apesar de tanta preparação intelectual, social e moral, Carlos depois de conhecer Maria Eduarda, esta foi a responsável pela mudança de seu destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADORNO, Theodor W. La posición del narrador en la novela contemporánea. In: **Notas de literatura**. Trad. Manuel Sacustan. Barcelona: Ariel, 1962.
- ANDRADE, Mariza Guerra. **A educação exilada- Colégio do Caraça**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ANDRADE, Mário de. O Ateneu. In: **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: CBL, 1941, p 9-18.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. 16 º Ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura Brasileira**. 5 º ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- _____. **O Narrador** in: Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Trad: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERRINI, Beatriz. **A Arte de ser Pai**. Cartas de Eça de Queiroz para os seus filhos. Verbo: Lisboa- São Paulo, 1993.
- _____. **Portugal de Eça de Queiroz**. São Paulo: Aguilar, 1982.
- _____. **Eça a Pessoa**. A Regra do Jogo, edições, 1985.
- BHABHA, Homi. Disseminação : O tempo , a narrativa e as margens da Nação Moderna. In: **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 198 – 238.
- BOAVENTURA, Maria Eugenia; Levin, Orna Messer. **Remate de Males**. Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, 1995.
- BOSI, Alfredo. **Céu, Inferno: Ensaio de Crítica Literária e Ideológica**. São Paulo: Ática, 1988, p.33-57.
- _____. **O Pré-Modernismo**. São Paulo, Cultrix, 1973.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 2ª edição – São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2004.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **Os manuais de retórica brasileiros do século XIX**. In: PERRONE, Moises. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 43-58.

CAL, Ernesto Guerra Da. **Língua e Estilo de Eça de Queiroz**. Coimbra: Almedina, 1981, p.9-38.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: ROSENFELD, A; PRADO, D; GOMES, P. (org). **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.51-80.

_____ & CASTELLO, Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Difel, 1995.

CARRATO, José Ferreira. **As Minas Gerais e os primórdios do Caraça**. São Paulo: Editora Nacional, 1963.

_____. **O Caraça Português**. São Paulo: USP, 1970. Tese de livre docência, (mimeografado).

COUTINHO, Afrânio (Org). **Obra crítica de Araripe Júnior (1888-1894)**. Rio: MEC Casa de Rui Barbosa, 1960, vol II.

CRUZ, Pe. Antônio. **O Centenário do Caraça (1820-1920)**. Petrópolis,: Vozes, 1920.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do Romance**. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987, p.143-154.

Haidar, Maria de Lurdes Mariotto. **O ensino secundário no Império brasileiro**. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1972.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 9ª ed. Rio de Janeiro, 2004.
- HALLWARD, Peter. “Singular or Specific”? in:_____. **Absolutely Postcolonial**. Manchester & New York: Manchester University press, 2001.
- HEREDIA, José López. **Matéria e Forma Narrativa d`o Ateneu**. São Paulo: Quíron, 1979.
- HOBSBAWN, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Trad. M.C. Paoli e A. M. Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HUTHEON, Linda. **Poética do Pós-moderno**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JOYCE, James. **A Portrait of the Artist as a Young Man**. U.K.: Penguin, 1996.
- LIMA, Alceu de Amoroso. **A voz de Minas**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- LINHARES, Temístocles. **Raul Pompéia: Trechos escolhidos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.
- LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. Trad: Cordelia Magalhães, São Paulo: Arx, 2004.
- LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: 34, 2000.
- MESQUITA, Samira Nahid de. **O Enredo**. São Paulo: Ática, 1986.
- MOISÉS, Massaud. **A criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 1985, p.91-219.
- NUNES, Benedito. **O tempo na Narrativa**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- NUNES, Leandro Araújo. **Guia do arquivo histórico do Caraça**. Belo Horizonte: Lastro, 2008.
- OLIVEIRA, Franklin de. **Literatura e civilização**. Rio de Janeiro: Difel,1978, p.116-118.
- OLIVEIRA, J. Lourenço. **Xavier e o Caraça**. Belo Horizonte: Editora O lutador, 1987.
- ORTIGÃO, Ramalho. **As Farpas** (volume 1). Os nossos filhos- Em casa, na rua, no passeio, no liceu, no colégio. Edições de Ouro, 1919, p.105-117.

_____. **Cartas a Emília.** Introdução, seleção, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini, Lisboa: Lisóptima Edições, 1993.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos.** 1989/3, p. 4 – 15.

POMPÉIA, Raul. **As Jóias da Coroa.** Nota explicativa de Herculano Pires, Introdução de Henrique L.Alves, São Paulo: Clube do Livro, 1962.

_____. **O Ateneu-** (Crônica de Saudades). São Paulo: Paulus, 2005.

PONTES, Eloy. **A vida inquieta de Raul Pompéia.** RJ: Livraria José Olympio Editora, 1935.

QUEIROZ, Eça de. **Os Maias.** Episódios da vida romântica. São Paulo: Nova Alexandria, vol I e II, 2000.

_____. **A Relíquia.** São Paulo: Klick,1997.

_____. **Obra Completa,** Vol. IV. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997-2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker, 2001.

SARNELIUS, Pe. **Guia Sentimental do Caraça.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2005.

SCHWARZ, Roberto. **A Sereia e o desconfiado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SEGOLIN, Fernando. **Personagem e anti-personagem.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura.** Coimbra: Livraria Almedina, 1993, p.671-786.

TOBIAS, José Antônio. **História da Educação Brasileira.** São Paulo: Editora Juriscredi Ltda.

TORRES, Artur de Almeida. **Raul Pompéia.** Niterói: Clube do Brasil, 1973.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a voz: A Literatura medieval.** Trad. Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira._ São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ZICO, Pe. José Tobias . **Caraça, Peregrinação, Cultura e Turismo.** 4 º ed.1982.

_____. **Caraça, ex-alunos e visitantes.** Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1979.

_____. **Caraça, parque natural e arquivo do colégio.** Belo Horizonte: O Lutador, 1990.

ANEXO

Entrevista

Vera Lúcia Garcia- Responsável pelo arquivo

Realizada no dia 26 de julho de 2008, no Colégio Caraça.

1- (Giseli) - Fundado em 1774 pelo irmão Lourenço, em 1820, o Colégio Caraça recebeu alunos da elite que viria a governar o país. Como era o processo de ingresso destes meninos no colégio?

Vera- Os meninos traziam a documentação pessoal que era avaliada para saber se tinham condições de estudar aqui, como a certidão de nascimento, batismo, o nome completo do pai e da mãe, e de preferência, o sobrenome, para saber se a família era conhecida.

2- (Giseli)- Por que o Caraça foi considerado o colégio- modelo?

Vera- Porque apresentava uma disciplina rígida, segundo o modelo francês de educação. Os semestres geralmente tinham 25 disciplinas como: o canto, a música, o catecismo, além das matérias obrigatórias que induziam ao estudo do Humanismo. Havia também uma separação dos meninos maiores e dos menores na casa, não havendo nenhum registro de homossexualismo devido à austera disciplina.

3- (Giseli)- Nas obras ficcionais *A Relíquia* e *Os Maias*, de Eça de Queiroz, as personagens Teodorico e Pedro da Maia recebem uma educação baseada nos princípios religiosos; mesmo que de nada valesse. Qual a importância da religião para os meninos, no Caraça, embora nem todos fossem seguir a vida religiosa?

Vera- A Religião, matéria ensinada no colégio, induzia o menino para o sacerdócio, cujas principais disciplinas eram de Humanas, além do rigor durante as aulas ministradas. O aluno que quisesse seguir a vida religiosa deveria ir para a cidade de Petrópolis.

4- (Giseli)- O Caraça e o Ateneu tinham um conjunto de normas disciplinares rigorosas na vida dos seus alunos. Alguns a seguiam à risca e outros se revoltavam como a personagem Sérgio na obra ficcional; e no Caraça o que ocorria com os alunos que “fingiam” aceitar as normas da casa?

Vera- O aluno que não seguia à risca o código disciplinar, primeiramente era advertido por “dolorosos” castigos, como o do silêncio. Caso persistisse em desobedecer às normas da casa,

a família era comunicada e o menino era levado pela manhã sem ser percebido pelos colegas. O Irmão Tomás era o responsável por fazer a batina para o menino vestir ao ir embora do internato. Após o ocorrido, nenhum aluno tinha o direito de perguntar pelo colega quando sentisse a falta dele, caso contrário recebia castigo.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)